



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

**MARIA DAS GRAÇAS SILVA ALVES**

**MARGARIDA MARIA ALVES: A LUTA DA FLOR DO AGRESTE QUE  
DESABROCHOU NO BREJO**

**CAMPINA GRANDE**

**2011**

**MARIA DAS GRAÇAS SILVA ALVES**

**MARGARIDA MARIA ALVES: A LUTA DA FLOR DO AGRESTE QUE  
DESABROCHOU NO BREJO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) como requisito para obtenção de título de Graduação do curso de Licenciatura em História.

**Orientador:** Prof. DR. José Otávio Aguiar

**CAMPINA GRANDE**

**2011**



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

**MARIA DAS GRAÇAS SILVA ALVES**

**MARGARIDA MARIA ALVES: A LUTA DA FLOR DO AGRESTE QUE  
DESABROCHOU NO BREJO**

**APROVADO EM 02/12/2011**

Banca Examinadora

---

Professor DR. José Otávio Aguiar  
Orientador

---

Professor DR. Roberval da Silva Santiago  
Examinador

---

Professora Raissa Barbosa da Costa  
Examinadora

**CAMPINA GRANDE**

**2011**

### **Dedicatória**

Aos meus pais, amados pais: Maria das Neves e José Casemiro, por sempre trabalharem e escolherem a família acima de qualquer obstáculo.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma das principais virtudes de alguém que valoriza o legado da educação. Agradecer a Deus por me concedido a vida e ter me permitido vir ao mundo em uma família tão especial, dando-me forças quando pensei em desistir da caminhada. A Ele, meu eterno e incansável agradecimento!

Minha mãe teve força e coragem durante toda sua vida, tornando-se um espelho para mim. A ausência de meu pai nunca foi motivo para desânimo diante das dificuldades: vendeu produtos cosméticos de porta em porta para garantir uma educação digna para mim e meus irmãos. Por ter me ensinado muito sobre a vida e ter confiança e esperança em Deus sempre. Enfim, a saber viver. A ela, agradecer ainda é pouco.

Ao meu pai que trabalhou de sol a sol como agricultor para nada nos faltar e que teve coragem de partir para o Rio de Janeiro, deixando os filhos pequenos e a esposa; sacrifício este que perdurou por vinte anos, a fim de conseguir tirar nossa família da zona rural. E conseguiu! E foi a mudança para a zona urbana que me permitiu continuar meus estudos e chegar à sonhada Universidade. Do seu sofrimento como cortador de cana, como tantos outros, além de ensinamentos, inspiraram-me para escrever este trabalho. Por meus pais terem me ensinado que a vida é feita de lutas e conquistas muitas vezes com entraves, mas que com fé, esperança, trabalho, sacrifício e honestidade tudo se consegue.

Aos meus irmãos Marizete, Antonio, Milton, Jorge, Emilia, Carlos, a quem amo e sempre me deram forças nos momentos bons e tristes da minha vida. A vida não é apenas construída de bons momentos. Passamos por desafios, obstáculos e cansaço. E é fundamental ter como base a família.

Ao meu esposo pela ajuda, cuidado, apoio, incentivo, atenção e carinho que sempre demonstrou por mim. Ajuda nas horas difíceis, cuidado quando ia esperar ônibus até tarde da noite para me trazer para casa depois de passar o dia inteiro trabalhando, aproveito para me desculpar pelas horas em que deixei de estar em sua companhia para fazer trabalhos e viajar para universidade.

Aos meus filhos Josigreyce, Fábio e Juscelino que sempre me ajudavam nas horas difíceis dando apoio quando as coisas pareciam impossíveis de se realizar, incentivo diante de novas oportunidades. Pela força que sempre me deram digitando meus trabalhos, após eu tê-los manuscrito, ocupando seu tempo. Desculpo-me pelas falhas e ausências e agradeço, com todo amor, pela ajuda para concluir meu curso. Desejo que Deus continue os abençoando! E também a minha netinha Jennifer, que manteve meu sorriso nos dias difíceis.

Jamais deixaria de agradecer aos mestres que me ensinaram tudo e que, além de professores, foram nortes para esta caminhada na universidade: a meu professor José Otávio que com muita atenção aceitou me orientar com paciência e carinho me incentivando a ler e escrever meu pré-projeto e monografia sanando minhas dificuldades. Ao professor Junior que me ensinou que com coragem e capacidade superamos qualquer dificuldade para vencer. Ao professor Clarindo sempre com muito carinho e dedicação nos dando coragem para seguir em frente. A Marinalva Vilar por ter paciência de ler meus textos extensos e orientar para sanar as dificuldades. A Regina e Juciene Ricarte sempre mostrando que somos capazes e inteligentes. Ao professor Roberval, sempre amigo e disposto a ajudar e incentivar a crescermos cada vez mais, por mostrar que encontramos espinhos no caminho, mas que também há flores com perfume que nos ajudam a seguir em frente, vencendo os obstáculos. Ao professor Benjamim que sempre foi humilde e dinâmico nas aulas mostrando a importância de conhecer sempre mais para crescer consigo e com o mundo. A Gervásio, sempre muito educado e pronto a ajudar nas horas difíceis quando não entendia os textos de introdução e Teoria da História. A Giscard, Lincoln, Faustino, Celso, Luciano, Alarcon, Rosilene, Iranilson, André, Niedja, Auríliã Nilda, João Marcos, Donato e demais da unidade acadêmica de História e Geografia.

As funcionárias Ana e Rosa que sempre se mostraram atenciosas e prestativas as minhas solicitações, sempre orientando quando necessário. Aos colegas e amigos do período 2006.2 do curso de História da UFCG: Elayne, Clébia, Eveline, Susana, Jaidete, Adriana, Daniel, Abraham Lincoln, René, Lidiany, Liliane, Adjeferson, Janailson, Danilo, Junior e outros do curso em andamento como dona Inês e outros de sua turma com quem compartilhei várias disciplinas. Aprendi a admirar e querer bem a todos pelo companheirismo nas horas difíceis.

Agradecer aos amigos pessoais é mais que uma tarefa, é um dever: aos meus colegas Glenda, Junior, Michel, Isis, Neide, Virgínia, Waldilson, Kátia, Érica e Taisa, que viajando no ônibus comigo, sempre ajudamo-nos uns aos outros nos momentos bons e alegres durante o percurso. É necessário união e paciência. O cuidado do motorista para que não se esquecesse de ninguém. A universidade não foi só a que concluo agora, mas foi cada viagem, cada ensinamento de vida que sempre se aprende na convivência. Agradeço ainda a outros colegas da Universidade e do Ônibus pela troca de experiências e a tantos outros que conheci como nosso saudoso Ítalo, que Deus levou antes de terminar o curso que nos contagiava com sua alegria e vontade de vencer. Enfim, a todas as pessoas que acreditaram em mim e que contribuíram de alguma forma para que eu chegasse até aqui e realizasse esta pesquisa.

**“É melhor morrer na luta  
Do que morrer de fome(...)”**

*Margarida Maria Alves*

## RESUMO

A história se modifica e se constrói cotidianamente. Partindo dessa ideia maior, pretende-se neste trabalho refletir sobre uma das histórias mais instigantes e intrigantes do cenário agrário brasileiro: a luta de Margarida Maria Alves, e a construção de sua identidade como Líder do Sindicato dos trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, entre 1973 e 1983, ano de seu assassinato. A partir da problematização dos depoimentos orais de familiares, vizinhos e colegas de trabalho, analisar-se-á a vivência da líder do povo camponês que tanto incômodo causou aos latifundiários. Cada depoimento que será transcrito aqui trata de um momento específico da trajetória de vida e luta da líder do brejo. Os relatos são utilizados com a intenção de trazer ao campo da história os lugares de sociabilidade construídos pelos depoentes em seu cotidiano, como a casa, a rua, o Sindicato, o campo. Lugares de convivência, as conquistas e desafios enfrentados pelos agricultores e Margarida Maria Alves. Através da memória e da construção da identidade de uma líder, surge o turismo com a perspectiva de preservar a cultura e fazer dela um produto turístico. Não se pretende aqui, apenas, biografar sobre a vida e a luta, mas, sobretudo, analisar historicamente as contribuições que Margarida Alves nos legou. Além disso, é urgente conhecer e lançar um olhar crítico sobre a estrutura fundiária brasileira para buscar entender por que tantos líderes camponeses tiveram que morrer em nome da reforma agrária deste país.

Palavras chave: Alagoa Grande. Identidade. Sindicato. Trabalhadores rurais.

## ABSTRACT

The story builds and changes daily. From this larger idea, this paper aims to reflect on one of the most exciting and intriguing stories of the Brazilian agrarian landscape: the fight Alves, and the construction of his identity as leader of the Rural Workers Union of Alagoa Grande, between 1973 and 1983, year of his assassination. From the questioning of the oral testimony of relatives, neighbors and coworkers, will examine the experience of peasant leader of the people who caused much inconvenience to the landowners. Each testimony will be transcribed here is a specific moment in the life course and fight the leader of the swamp. The reports are used with the intention of bringing the field of history places of sociability built by the respondents in their daily lives, such as home, the street, the Union, the field. Place of living, achievements and challenges faced by farmers and Alves. Through the construction of memory and identity of a leader, there is tourism with a view to preserving the culture and make it a tourist product. It is not intended here only biography about the life and struggle, but more importantly, analyze the contributions that historically Margarida Alves left us. Moreover, it is urgent to know and to look critically on the structure of land ownership in Brazil to try to understand why so many peasant leaders had to die in the name of land reform in this country.

Keywords: Alagoa Grande. Identity. Unions. Rural workers.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>11</b> |
| <b>1 – BASES HISTÓRICAS DE UM BRASIL AGRÁRIO</b>   |           |
| 1.1 O Cenário Agrário no Brasil.....   | 14        |
| 1.2 O Cenário agrário na Paraíba e as Ligas Camponesas .....                                       | 16        |
| 1.3 Os Primeiros Sindicatos.....   | 18        |
| 1.4 As Primeiras Lutas Operárias.....  | 20        |
| <b>2 – VIDA DE MARGARIDA MARIA ALVES</b>   |           |
| 2.1 Quem foi Margarida. ....   | 23        |
| 2.2 Da convivência familiar ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais: depoimentos e convivência ..... | 26        |
| 2.3 Ideias e ideais da futura Líder do Brejo.....  | 32        |
| <b>3 – LUTA E MORTE DA LÍDER DOS CAMPONESES</b>  |           |
| 3.1 A Construção da Identidade como Líder Sindical.....  | 36        |
| 3.2 Morte de Margarida: Calaram a voz do campo!.....   | 38        |
| 3.3 O Legado .....   | 45        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>  |           |
| <b>REFERÊNCIAS</b>   |           |
| <b>ANEXOS</b>  |           |
| <b>APÊNDICES</b>   |           |

## INTRODUÇÃO

Dos doces canaviais que enriqueceram muitos proprietários de terras, outros provaram do fel que fora reservado para aqueles que não tinham direitos, apenas deveres: os cortadores de cana, analfabetos e que buscavam o sustento de suas famílias. Em meio a este cenário ressequido pela fome, desigualdade social e miséria, surge a flor do agreste no brejo paraibano: Margarida Maria Alves. Sua vida e luta pelos trabalhadores rurais de Alagoa Grande teve início logo cedo; numa breve, mas aclamada trajetória de lutas, finalizada aos 12 dias do mês de agosto de 1983.

Traçar sua vida não é tarefa fácil, embora seja uma das mais instigantes e desafiadoras. Este trabalho é fruto de uma indignação que permeou toda minha infância na zona rural de Alagoa Grande e depois na adolescência, já na zona urbana. Só agora, já na academia, esta indignação renasceu a partir de um novo olhar: olhar de historiadora. A vontade de contar a luta, a vida e a construção da identidade sindical de Margarida veio com mais veemência após várias leituras acadêmicas; leituras estas muito coincidentes com a realidade do município de Alagoa Grande, no brejo paraibano: uma sindicalista lutando por melhores condições de vida, salário digno, carteira assinada, escola para os filhos dos trabalhadores rurais. Em História da Paraíba, uma das mais renomadas estudiosas no assunto, Maria do Socorro Rangel, no texto *“Territórios de confronto: uma história de luta pela terra nas ligas camponesas”* tornou-se uma das leituras obrigatórias para este trabalho.

Diante disso, estudar as vivências dos trabalhadores rurais e da Líder Sindical Margarida Alves na cidade de Alagoa Grande abrange um leque de possibilidades. Possibilidades estas que nos fazem lançar novos olhares sob o prisma fundiário brasileiro. E é em busca ou a partir deste novo olhar que se constroem as necessidades de justiça na cidade e no campo, construindo a identidade de Líder camponesa firme e decidida a lutar contra o abuso de poder, buscando mudanças.

Analisar as ideias, ideais e o legado deixado por Margarida é mais que necessário para a história local: é um dever que precisa ser cumprido para a posteridade. Margarida possuía a considerável tenacidade dos que tem coragem e fazia de suas ideias e palavras forças indomáveis em meio ao sol causticante da várzea canavieira. O desfecho do antagonismo de classes foi brutal, mas a certeza de que sua herança ideológica seria perpetuada fez com que os depoimentos aqui expostos se tornassem a força que os camponeses precisavam para cobrar o que lhes era seu por direito: a dignidade.

Desenvolver uma pesquisa por meio de depoimentos orais é fazer a construção de momentos e sentimentos guardados apenas na memória e que são reavivados através da fala, é discutir o mesmo assunto sob diferentes perspectivas ou pontos de vista, é um mundo de possibilidades de percepções, reflexões e análises que nos serviu de fonte para este trabalho. A história oral é uma metodologia que consiste em fazer entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, modos de vida, conjunturas ou outros aspectos da história contemporânea e o resgate do que já se passou. É a história falada, em pleno movimento, como ela deve ser. Essas entrevistas de história oral juntamente com documentos escritos formam um rico acervo documental para a historiografia. E, é essa metodologia que auxilia o presente trabalho.

A história social na qual está imersa a Margarida Alves começa com a miséria da maioria da população brejeira; além da seca e dos problemas da terra, motivos dos graves conflitos rurais e urbanos, misturava-se ainda a opulência dos latifundiários dominantes e suas arbitrariedades diante do povo humilde e trabalhador. Neste sentido, era necessário tentar minimizar os efeitos das mazelas sociais. Na Paraíba, as Ligas Camponesas surgiram na região de Várzea Grande do Paraíba, fora das Usinas, e lutavam pelo direito do camponês plantar e colher de forma digna e sem exploração. Sabe-se que não é do dia para a noite que se consegue diminuir ou acabar com um conflito de interesses como este, mas Margarida gritou e fez de sua voz uma arma em favor dos trabalhadores rurais.

No primeiro capítulo serão contextualizadas historicamente as lutas operárias e a questão agrária no Brasil, para nos capítulos seguintes tratarmos da vida da líder camponesa. No segundo capítulo – A vida de Margarida Maria Alves. Abordamos as vivências e experiências de Margarida na construção de seus lugares de sociabilidades antes e depois de ser Presidente do Sindicato dos Trabalhadores rurais de Alagoa Grande, fazendo o retrospecto sobre sua história de vida desde a infância no sítio Agreste, em Alagoa Grande e quando veio morar na cidade na Rua Olinda com vizinhos e familiares e sua constituição como lugar construído de sociabilidade para familiares e vizinhos agricultores da rua onde residia.

No terceiro capítulo “A construção da Identidade de Margarida Maria Alves como líder Sindical”- analisaremos como os trabalhadores rurais constroem a identidade de líder sindical que são construídas para eles em seu cotidiano, pelas causas ganhas na justiça a favor do trabalhador em primeiro lugar da sua própria família como morador que seu pai era. Em seu cotidiano seja ela nos lugares de sociabilidade ou no sindicato onde desempenhava seu papel e amava o que fazia como diz seu esposo Cassemiro e seu filho Arimatéia em depoimentos quando depõe que o sindicato era sua vida, ela amava o que fazia, se

locomovendo pelos canaviais em discursos em várias cidades da Paraíba como Sapé, Guarabira, Alagoa Grande, Esperança sempre dizendo que aquela situação tinha que mudar. Em seus relacionamentos afetivos com amigos como Carmelita pedrosa, esposo, colegas de trabalho, trabalhadores e vizinhos entre outros espaços que constituem sua sociabilidade, como reuniões nos sindicatos e em outros encontros com outros presidentes sindicais. Além disso neste capítulo, objetivamos problematizar a formação da identidade a vivência com os que odiavam e não apoiavam sua luta, o preconceito contra sua luta e do MST que muitos criticavam sem entender sua importância para o desenvolvimento do país, para que todos tenham direito a trabalhar e ter comida na mesa. Ela não queria dar o peixe, mas sim ensinar a pescar, pois o desenvolvimento do país está no trabalho, se é agricultor então merece um pedaço de terra para tirar dali seu sustento e ter condições dignas de vida. Mas não é só dar a terra tem que dar subsídio ao agricultor com menos condições para que ele trabalhe na terra, pois com as novas tecnologias oferecidas pelo governo os agricultores trabalham melhor e produzem mais se essa ajuda realmente chegar até ele.

## 1 - BASES HISTÓRICAS DE UM BRASIL AGRÁRIO

### 1.1 O Cenário Agrário no Brasil

A vida ruralista do Brasil sempre foi um dos pontos mais cruciais de nossa história. A posse e a exploração da terra geraram ao longo dos anos mortes, infortúnios e uma discussão quase que permanente: É possível reforma agrária pacífica? Um entrave constante entre proprietários rurais e trabalhadores do campo é o que impede de respondermos a esta pergunta. As tensões sociais são provocadas no meio rural, mais notoriamente, quando os trabalhadores começam a lutar por salários mais justos, por vantagens sociais previstas na Lei do Trabalho, o que, via de regra, não é obedecida pelos grandes latifundiários.

Estas e outras discussões referentes a terra nos é comum desde os tempos do Brasil Império. A matemática do campo é simples: os proprietários querem mão de obra barata a fim de enriquecer; os trabalhadores rurais querem mais condições de trabalho e garantia de direitos, diminuição dos deveres. Esta somatória, ao longo de vários séculos de história sobre reforma agrária teve saldos negativos, muitos morreram por um ideal, que até hoje ainda não foi conquistado.

Esses conflitos sociais tem como marca registrada a violência, não sendo exclusividades apenas do século XX. A análise da realidade fundiária brasileira do final do século XX mostra, a presença dos conflitos de terra. Se por um lado a modernização conservadora ampliou suas áreas de ação, igual e contraditoriamente os movimentos sociais aumentaram a pressão social sobre o Estado na luta de terra.

A proposta de reforma agrária esteve na pauta das políticas sociais brasileiras em vários momentos históricos. Foi assim no fim da década de 1950 e início de 1960 com as idéias nacionalistas, sendo abafada pelo golpe militar de 1964 e pela ditadura que o procedeu. Sem ter sido contemplada, continuou fazendo parte da retórica política após a redemocratização como uma reforma prioritária e ainda hoje, continua a permear os discursos políticos. Realizar uma “visão panorâmica” da problemática da questão agrária no Brasil, objetivando efetivar uma compreensão mais ampla da perspectiva de desenvolvimento nacional é primordial para este trabalho. As informações deste cenário ruralista brasileiro torna-se relevante na medida em que estabelece uma perspectiva de “pano de fundo” para trabalhos localizados em escala micro.

Desta forma, a questão da redistribuição de terras no Brasil não parece uma ideia harmônica com a sociedade brasileira que possuiu raízes ruralistas, pois “toda estrutura da nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos” (HOLANDA<sup>1</sup>, 1995, p. 53).

A grande propriedade rural e a concentração de terra nas mãos da minoria no Brasil são questões históricas e culturais. Sobre isto, Da Silva<sup>2</sup> (1986) observou:

O início da colonização do território brasileiro se fez com a doação de grandes extensões de terra a particulares, denominadas sesmarias. Daí, surgiram os latifúndios escravistas: a necessidade de exportar em grande escala e a escassez de mão-de-obra na colônia, uniram-se à existência de um rentável mercado de tráfico de escravos. (...) O latifúndio escravista era o eixo de atividade econômica da colônia, definindo as duas classes sociais básicas: os senhores e os escravos. Mas, em torno deles havia uma massa heterogênea de brancos, que não eram senhores (...) E outros ainda eram agricultores: ocupavam certos pedaços de terra, onde produziam sua subsistência e vendiam parte da produção nas feiras das cidades. Aí está a origem da pequena produção no Brasil e sua estreita ligação com a produção de alimentos. Isso tudo por volta do ano de 1889, pós-proclamação da república. Mais adiante na nossa história, surgiram as Ligas Camponesas no nordeste do Brasil, movimento que foi responsável pelo estopim conflituoso das décadas e séculos seguintes, sobretudo no estado da Paraíba, palco dos maiores conflitos e injustiças do nordeste.

De acordo com Carvalho<sup>3</sup> (2005):

Frequentemente, em vez de conflito entre autoridade e os grandes proprietários, havia entre eles conluio, dependência mútua. A autoridade máxima nas localidades, por exemplo, eram os capitães-mores das milícias. Esses capitães-mores eram de investidura real, mas sua escolha era sempre feita entre os representantes da grande propriedade. Havia, então, confusão, que era igualmente convívio, entre o poder do Estado e o poder privado dos proprietários. Os impostos eram também frequentemente arrecadados por meio de contratos com particulares. Outras funções públicas, como o registro de nascimentos, casamentos e óbitos, eram exercidos pelo clero católico. A consequência de tudo isso era a não existência de um poder que pudesse ser chamado de público, isto é, que pudesse ser a garantia da igualdade de todos perante a lei, que pudesse ser a garantia de direitos civis.

---

<sup>1</sup> Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*. 8ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

<sup>2</sup> DA SILVA, J. G. *O que é a Questão Agrária*. 12 ed. São Paulo: Braziliense, 1986.

<sup>3</sup> CARVALHO, J. M. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

## 1.2 O cenário agrário na Paraíba e as Ligas Camponesas

A questão fundiária em nosso estado, a Paraíba, apresenta como características a desigualdade social, estrutura agrária concentrada, exploração e expulsão dos trabalhadores e a permanência de uma aristocracia rural que mantém o domínio político-econômico sobre os espaços regionais, bem como no restante do país. Porém, os camponeses se organizaram e lutaram pelas terras. A essa luta os latifundiários respondem com a violência lançando mão da utilização de “jagunços”<sup>4</sup> para amedrontar, espancar, humilhar e até assassinar os camponeses, marcando os conflitos na Paraíba com a violência, acompanhada da impunidade que é garantida pela influência exercida pelos grandes fazendeiros junto aos representantes do Estado. Desde 1962 registrou-se na Paraíba o assassinato de 24 trabalhadores rurais.

A lista de trabalhadores assassinados é extensa e amedronta até os mais corajosos; líderes camponeses como João Pedro Teixeira<sup>5</sup> e Margarida Alves foram algumas vítimas dos desmandos do poderio econômico dentro do nosso estado. Apesar de não serem contemporâneos, ambos tem uma história de vida e luta bem parecida: os dois líderes tiveram os genitores injustiçados e humilhados, e por causa disso começaram uma luta em favor do povo camponês, luta esta que lhes custou a vida. No Nordeste, entre as décadas de 50 e 60, a agricultura era tocada tal qual uma boiada, na qual seus comandantes tinham pulso firme e forte, tudo era resolvido na base do ferro e fogo. Sobressaía o regime intitulado de “cambão”, pelo qual o camponês era obrigado a trabalhar vários dias por semana nas roças do proprietário, sem receber pagamento algum. Foi neste cenário de violência, injustiça e exploração que nasceram as Ligas Camponesas. A primeira delas surgiu no Engenho Galiléia, em Pernambuco, fundada em 1954. A experiência espalhou-se por outros estados nordestinos como rastilho de pólvora, ficando raízes na Paraíba a mais conhecida e combativa das Ligas Camponesas existentes até então: a de Sapé, fundada por João Pedro Teixeira. As Ligas Camponesas foram criadas inicialmente como associações e tinham objetivos bem distintos: prestar assistência social e defender direitos de arrendatários, assalariados e pequenos proprietários rurais. Eram voltadas para iniciativas de ajuda mútua. Passaram a atuar

---

<sup>4</sup> O jagunço se fazia a partir de um crime cometido, em seguida, a busca de proteção contra a justiça junto a um chefe político, para quem passava a prestar serviços ordinários de peão.

<sup>5</sup> Líder das Ligas Camponesas na cidade de Sapé na década de 60.

no início da década de 60 como ferramentas de organização do movimento agrário, visto que a sindicalização no campo era praticamente inexistente.

De um modo geral, as associações e ligas criadas pelos camponeses tinham caráter civil, voluntário, e por isso mesmo dependiam de um estatuto e de seu registro em cartório. Para constituir legalmente uma liga, bastava aprovar um estatuto, registrá-lo na cidade mais próxima e lá instalar a sua sede. Como disse um jornalista do nosso estado, "a liga começa na feira, vai para o tabelião e ganha o mundo". As Ligas<sup>6</sup> foram na verdade um grito do oprimido para chamar atenção do mundo. A partir delas, todo o conflito fundiário passou a ser visto de maneira diferente pela sociedade; os camponeses oprimidos e estigmatizados pela ignorância e analfabetismo ganharam voz e vez mostrando que sabiam se organizar e articular a fim de modificarem a situação em que viviam. Muitos foram massacrados por humilhações, outros tantos mortos, mas disseminaram com maestria seus ideais e sua vontade de igualdade social.

Levando em conta todo o conflito inicial entre dominantes e dominados, entende-se que os conflitos por causa das propriedades agrárias vem de muito tempo, desde a colônia, passando pela república até chegar aos nossos dias. Todas essas constatações são equiparadas a uma linha do tempo, da qual Margarida Alves também faz parte, pois está inserida em um panomara histórico-social que não a permite ser indiferente. Os oprimidos começaram a se unir e, assim surgiram as primeiras representações dos trabalhadores: os sindicatos e associações.

---

<sup>6</sup> As Ligas Camponesas eram organizações dos camponeses do Sertão Pernambucano. Seu principal objetivo era lutar pela reforma agrária. O mais conhecido líder das Ligas foi Francisco Julião Arruda de Paula.

### 1.3 Os Primeiros Sindicatos

Quando a sociedade se dividiu em classes, desde a superação da comuna primitiva, a história das sociedades é marcada pela luta entre explorados e exploradores. Isto ocorreu no sistema escravista, no feudalismo e ocorre até hoje no nosso consagrado sistema capitalista. Entretanto, é no capitalismo que esta luta atinge seu ápice. O Sindicato é um fenômeno típico desse sistema, uma resposta a esta divisão de classes. Ele só surge no modo de produção capitalista. A palavra vem do francês - *syndic* - que quer dizer “representante de uma determinada comunidade”. Com a queda do feudalismo na Europa, a sociedade se divide distintamente em duas classes. De um lado, a burguesia e do outro, o proletariado, desprovido de tudo, obrigado a vender a sua força de trabalho aos capitalistas. Lênin, dirigente da revolução russa de 1917, sintetiza de maneira simples as características desse sistema:

Denomina-se capitalismo a organização da sociedade em que a terra, as fábricas, os instrumentos de produção etc., pertencem a um pequeno número de latifundiários e capitalistas, enquanto a massa do povo não possui nenhuma ou quase nenhuma propriedade e deve, por isso, alugar sua força de trabalho. Os latifundiários e industriais contratam os operários, obrigando-os a produzir tais ou quais artigos que eles vendem no mercado. Os patrões pagam aos operários exclusivamente o salário indispensável para que estes e suas famílias mal possam sub-existir. Tudo o que o operário produz acima dessa quantidade de produtos necessária a sua manutenção, o patrão embolsa isso: isso constitui o seu lucro. Portanto, na economia capitalista, a massa do povo trabalha para os outros, não trabalha para si, mas para os patrões, e o faz por um salário. Portanto, entre patrões e operários há uma constante luta pelo salário. (LÊNIN, 1912)

É dessa luta diária, típica do capitalismo, que surgem as primeiras formas de organização dos trabalhadores. Elas nascem como resultado do esforço espontâneo dos operários para impedir ou minimizar a exploração. Não aparecem por inspiração de “revolucionários”, como dia a burguesia, mas por uma necessidade natural dos que vivem de salário.

Os sindicatos se tornam centros de organização dos trabalhadores assalariados, focos de resistência e resposta à exploração capitalista. Num primeiro momento, eles vão congregam os operários das oficinas e das fábricas, os que produzem diretamente as riquezas - o setor dinâmico da sociedade capitalista. Posteriormente, com o desenvolvimento do próprio sistema, eles se generalizam, atingindo outros setores

econômicos. Para Marx<sup>7</sup>, “se os sindicatos são indispensáveis para a guerra de guerrilhas cotidianas entre o capital e trabalho, são também importantes como meio organizado para a abolição do sistema de trabalho assalariado”.

Aqui, no Brasil, a origem dos sindicatos remete-nos aos últimos anos do século XIX e está intrinsecamente relacionado ao processo de transformação de nossa economia, cujo centro agrário era o café: substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado; transferência do lucro do café para a indústria; e poder político nas mãos dos cafeicultores. As primeiras formas de organização dessas forças sindicais foram: Sociedades de socorro e ajuda mútua; e União operária, que com o advento da indústria passou a se organizar por ramo de atividade dando origem aos sindicatos.

Esta história de lutas remonta desde os anarquistas, passando pela Era Vargas, percorre toda nossa história até chegar aos dias de hoje.

## O Papel dos Sindicatos

O sindicalismo vai demonstrar que é um instrumento indispensável para os assalariados durante esta primeira fase. Com a expansão do capitalismo, que se torna o sistema predominante a partir do século passado, os sindicatos vão se espalhar pelo mundo. Num processo silogístico, em que o capital se sobrepõe, suas contradições começam a aparecer, as lutas operárias têm início e, como consequência e resposta a este fenômeno, surgem os sindicatos. Todos os avanços sociais, mesmo que pequenos, serão fruto dessa luta e da formação dos sindicatos. Nada será dado de bom grado pelo capital; nada cairá do céu, só depois de muita luta, muitas reivindicações e greves é que se conseguirá algo no universo capitalista. Cada nova reivindicação apresentada pelos trabalhadores representa, num primeiro momento, a redução da taxa de mais-valia do patrão, ou seja, na economia marxista, valor do que o trabalhador produz menos o valor de seu próprio trabalho (dado pelo custo de seus meios de subsistência). Por isso, depende de luta, de pressão organizada. A história da legislação trabalhista no mundo será a história da luta de classes, em que os sindicatos desempenharão um importante papel social<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. Manifesto Comunista. Rio de Janeiro: Garamond., 1998.

<sup>8</sup> LOCKE. J. Ensaio sobre o entendimento humano. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

## 1.4 As Primeiras Lutas Operárias no Brasil

No início do século XX começou a ocorrer no nosso país uma série de acontecimentos ligados aos operários brasileiros, que naquele momento buscavam melhores condições de trabalho, melhores salários, enfim, reivindicavam seus direitos de garantia trabalhista. Foi assim, em meio a insatisfação popular que explodiram as primeiras greves. Com o crescimento industrial e urbano, surgiram bairros operários em várias cidades brasileiras. Nas fábricas, por exemplo, ocorria o emprego da mão-de-obra infantil, mais barata que a adulta. Muitas crianças empregadas acabavam com um dos membros mutilados pelas máquinas, assim como os demais trabalhadores, não tinham direito a tratamento médico, seguro por acidentes de trabalho, etc.

No meio desse conturbado contexto, surgiram as primeiras manifestações sob influência das ideias socialistas e anarquistas, que moviam as lutas operárias internacionais. Tanto no Brasil como em outros países, lutava-se tanto por resultados imediatos como por objetivos mais amplos, dentre eles a derrubada do sistema capitalista e implantação de uma sociedade mais igualitária. A organização dos trabalhadores resultou na fundação de associações sindicais e de jornais operários, tornando o movimento mais forte para enfrentar as inúmeras dificuldades. Uma dessas lutas foi registrada no livro “Contribuição à História das lutas operárias no Brasil”, de autoria de Hermínio Linhares, publicado em 1955, situando o leitor sobre a primeira luta operária no Brasil:

Após meses reivindicando aos donos dos três principais Diários da corte um reajuste em seus salários, (...) os tipógrafos resolveram recorrer à paralisação do trabalho a partir de 09 de janeiro de 1858. O mais interessante da greve é que dela temos registros relativamente amplos, porque os grevistas fundaram o Jornal do Typhografos, de circulação diárias, que na semana seguinte apresentou os argumentos dos trabalhadores. (LINHARES. 1955)

Essas lutas do início do século XX foram primordiais para conquistas trabalhistas dos nossos dias. É fundamental compreendermos porque há tanto tempo os explorados e exploradores travam uma luta sem fim. O sistema capitalista vigoroso torna os operários meras marionetes de seu poderio, restando apenas lutas e formação de associações sindicais para promover um pouco de igualdade.

Assim como os operários lutaram contra a opressão sofrida por eles, a situação na qual estavam inseridos foram parte constituinte da formação desses trabalhadores; o meio no qual eles conviviam foi modulando e formando os caracteres, as iniciativas e atitudes dessas

pessoas. É sabido que o meio no qual o indivíduo convive influencia diretamente na sua formação identitária, pessoal e profissional.

Tomando como base esse recorte histórico do início do século XX é possível estabelecer um paralelo entre essas lutas e a construção identitária dos operários. Seus líderes viveram não como mártires de um ideal, mas como precursores de uma nova força: a força trabalhista. O desenvolvimento local se baseava na capacidade criativa, nos valores e potencialidades, nas formas de expressão cultural e na participação coletiva de uma dada comunidade. Portanto, a coletividade dependia também da individualidade de seus ideais comuns. A condição essencial para um grupo de pessoas que convivem é a identidade comunitária. Assim, analisar as articulações entre memória, história, identidade e participação coletiva, bem como o papel da história no processo de conquista das necessidades humanas fundamentais é relevante para a nossa visão de historiadores.

A história dessa noção de identidade é marcada por aspectos que variam segundo o período e o local, segundo valores coletivos e realidades sociais mutantes. Concomitante com a noção de identidade observa-se a importância da história oral para sua manutenção, ou seja, para que a história não se perca nem as identidades que a compuseram, os relatos orais são uma fonte inesgotável de pesquisa. Outrossim, é dever dos historiadores preservarem estes relatos a fim de não perder nenhum capítulo da história. Em suma, as lutas operárias (conhecidas como greve operárias) foram grandes legados para a posteridade, para a história oral, contada no ‘boca a boca’, para os relatos escritos, que só foram possíveis porque alguém os vivenciou e/ou os contou; a construção dessa mistura de identidades que culmina com o ideal comum é a mola motriz dos sindicatos, das associações e daqueles trabalhadores que sempre lutaram por melhores condições trabalhistas.

Os líderes desses trabalhadores sempre eram alvos de ameaças e ‘juras de morte’ por bater de frente com os grandes senhores do poder. Assim acontecia e acontece ainda hoje em muitos lugares onde a opressão é a palavra da vez. Na década de 80, muito mais do que hoje, os cortadores de cana, trabalhadores da terra, eram o retrato fiel de toda a exploração e das condições de trabalhos subumanas que o opressor impunha ao oprimido. Nas várzeas de Alagoa Grande, interior paraibano, cenário no qual desabrochou a flor do agreste que minimizou o sofrimento e a injustiça daquele povo, as condições de trabalho eram igualmente desumanas e exploradoras. A mão de obra barata e analfabeta era que enriquecia os latifundiários do brejo. Margarida Maria Alves surgiu em meio a este cenário não como uma mártir ou heroína de sua época, mas, sobretudo como mulher trabalhadora rural, que não se conformando com a injustiça da sociedade na qual estava inserida e era obrigada a conviver,

partiu para uma batalha extremamente desleal: de um lado, o poder, de outro, o povo que era explorado, mas não tinha outra opção de vida.

## 2 – VIDA DE MARGARIDA MARIA ALVES

### 2.1 Quem foi Margarida?

Margarida Maria Alves, nome de batismo da filha de Manoel Lourenço Alves e Inácia Alexandrina, que assim como os pais, foi trabalhadora da roça logo cedo, nasceu em Alagoa Grande<sup>9</sup>, município situado no brejo paraibano aos cinco dias do mês de agosto do ano de 1933; aos oito anos de idade viu sua infância ser tomada pelo trabalho, produziu riqueza para os latifundiários através de sua mão-de-obra barata. Não era segredo para ninguém que os camponeses trabalhadores das culturas tradicionais da região, como o abacaxi, milho e feijão compartilhavam da mesma vida com os cortadores de cana. Vida sofrida, regrada e suprimida de muitas coisas, entre elas, seus próprios direitos. Nascida de uma família grande – 9 irmãos – apesar de ser a filha mais nova sempre tomou iniciativa perante a vida e mostrava sempre disposição em ajudar a família no que fosse preciso. A religião sempre esteve presente na sua trajetória pessoal, desde suas orações infantis até os conselhos do pároco de Alagoa Grande em outras ocasiões, já como líder sindical. Segundo Barbosa, sua fé instaurou-se e foi conciliada com seus ideais:

“Católica por tradição Margarida Maria Alves, desde os primeiros anos da sua vida começou a frequentar a Igreja de Alagoa Grande onde recebia as bênçãos de Deus e a orientação do Padre Geraldo, pároco local, que foi também responsável pelo seu ingresso no sindicato aos dezoito anos de idade”. (BARBOSA. 1984)

---

<sup>9</sup> O nome da cidade é escrito numa forma arcaica de português, já que atualmente não se escreve mais a palavra lagoa com a aposição de "a" inicial (embora em Portugal ainda haja essa grafia para lagoa). O ano de 1864 é considerado como o ano de sua fundação, mas em 1847 já havia passado de povoado a distrito. Foi emancipada politicamente em 21 de Outubro de 1864, sendo instalada, como vila, em 26 de julho de 1865. Aos 27 de Março de 1908, Alagoa Grande foi elevada à categoria de cidade. Por conta desta última data muitos acreditam que o município irá completar 1 século de emancipação no próximo ano (2008), quando na verdade já decorreram 143 anos deste fato histórico. Esta era uma região que cresceu muito no século XIX, através da agricultura baseada na cana-de-açúcar (que destruiu a Mata Atlântica do lugar, desfigurando a cobertura vegetal) que utilizava intensivamente a mão-de-obra escrava. Embora a cidade tenha se estagnado economicamente ao longo da segunda metade do século XX (com a população ao invés de aumentar, diminuiu, principalmente por causa do êxodo para as grandes cidades). Alagoa Grande tem um grande potencial turístico que pode ser economicamente explorado, trazendo divisas para o município (tanto o turismo histórico, quanto o turismo rural e ecológico). Neste município se localiza a comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, herança dos negros que ajudaram no crescimento econômico e cultural da cidade.



Imagem 1

Margarida Maria Alves

Fonte: Acervo do Museu Casa de Margarida Maria Alves

Sua mãe em relatos afirmou que a filha caçula depois de preparar e plantar a terra junto com os outros irmãos e seus pais também participava da época festiva da terra: a colheita. Transportava para vender na feira local ou de porta em porta; a disposição da filha deixava os pais preocupados, pois carregava grandes balaios com abacaxi, milho, feijão. Era uma pessoa ativa e participante, ajudando os pais a plantar, colher e até comercializar os produtos da roça. Margarida era negra, casada com Severino Casimiro Alves e tinha um filho – José de Arimatéia. Desde muito cedo, por necessidade de sobrevivência Margarida estava presente nos trabalhos do campo, e já sentia a necessidade de buscar melhorias para seus companheiros de trabalho, e foi através da ajuda e influência do padre Geraldo, que a católica Margarida começou a se inserir no Sindicato Rural de Alagoa Grande, na Paraíba. A amizade e o respeito do povo foram sendo adquirido devido a essa disposição, principalmente nas vendas.

Em um dos relatos colhidos durante a produção deste trabalho, um vizinho, hoje com 91 anos, faz questão de esclarecer quem era Margarida:

“Ela fazia o bem pra o povo, ela não era mal não, ela não era mal vizinha não, só vivia do trabalho dela. Severino era o marido dela, num era... nunca vi dizer que ela era mal pessoa não, Margarida Alves, nera ?” (sic conforme documento Anexo A, depoimento de José Francisco Simplício, o Mano Velho).

Importante ressaltar que durante o período de juventude até o seu amadurecimento político, Margarida vivia em um contexto histórico-social conturbado: o Brasil estava deixando de ser um país cujo sistema político era baseado em “trocas de favores” entre o governo central e os poderes locais, o coronelismo, no qual os trabalhadores rurais, desprovidos de qualquer estrutura que lhes possibilitasse mudança de vida, eram dependentes

do coronel: em sua grande maioria analfabetos, sem assistência médica, sem capital cultural que lhes permitissem certa autonomia da consciência, os trabalhadores rurais viam na imagem do coronel o benfeitor, único que fazia algum favor para eles. Este período, marcado pelo fim da República Velha (1889-1930), deu a Getúlio Vargas seu primeiro mandato como presidente do Brasil, através de um governo provisório, no qual governava por decretos e com amplos poderes.

O Brasil vinha modificando-se profundamente à procura de se ajustar às necessidades econômicas e sociais da época. A partir de 1964, durante o período em que Margarida esteve à frente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (1971-1983), o Brasil passava por várias lutas entre as classes sociais, e vivia o regime civil-militar (até 1985). Margarida sempre se preocupou com a educação do trabalhador rural, tendo ajudado a fundar o “Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural, do qual foi diretora, de 1981 a 1983”. (WOORTMAMNN, 2006, p.16). O centro de educação tem o intuito de contribuir também com “um modelo de desenvolvimento rural e urbano sustentável, a partir do fortalecimento da agricultura familiar”.

## 2.2 Da convivência familiar ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais: depoimentos e convivência

Conviver com Margarida era uma alegria, um presente, segundo seus familiares, pois ela mostrava que a solidariedade existia no coração das pessoas, é o que disse em certa ocasião sua genitora. A vontade de ajudar ao próximo, ao desfavorecido fez dela um exemplo de pessoa, com boa vontade e boa conduta, sobretudo, movida a fé. A convivência com os parentes e amigos era tranquila e cercada pelos colegas trabalhadores rurais. Mas, a trajetória de líder teve início logo após ganhar uma “questão” na justiça: o proprietário rural dono das terras onde nasceu e trabalhou a família de Margarida, dispensou-os das terras ensejando assim Margarida a entrar com uma ação trabalhista na Justiça do Trabalho onde foi bem sucedida.

Uma das entrevistas que ilustram este trabalho foi realizada com Dona Inês, uma das irmãs de Margarida, entrevista esta que está transcrita na íntegra no Anexo 1, e em seguida, um trecho no qual nos conta como teve início a luta da irmã:

“É verdade e ganhou na questão. Então ela começou por aí... Sim mas porque o patrão não queria dar o que era dela, não dava direito, ela lutou, lutou até que ganhou. Daí o povo passou a confiar aí viemos morar aqui na rua(...) aí vivi todo minha vida, ela foi ao sindicato trabalhou bem até que só sei que mataram ela. Todo mundo ia atrás dela aí ela vencia na hora, depois de dois anos não... ela resolvia num mês, até que o pessoal, os proprietário Agnaldo Veloso Borges muito patrão, mandava carta para ela ameaçava ela dizendo que se ela não deixasse essa vida ia matá-la, ela dizia quero morrer trabalhando do que morrer de fome”. (Sic conforme documento Anexo B, depoimento de D. INÊS, irmã de Margarida)



Imagem 2 – D. Inês, irmã de Margarida

Fonte: Acervo pessoal da autora da produção monográfica

Dessa forma, Margarida começou a enxergar uma nova maneira de ajudar ainda mais aos trabalhadores do campo. Os trabalhadores passaram a ter uma confiança naquela que

posteriormente presidiria o Sindicato Rural. Desde então, tudo ficou mais fácil: sempre que um trabalhador era injustiçado e posto para fora da terra, assim como ela e seus familiares foram, ela procurava resolver as pendências na Justiça do Trabalho. E sempre ganhava. E, assim foi ganhando além da confiança dos trabalhadores, a inimizade dos latifundiários.

Movida pela sua nova visão, Margarida abandonou a luta pessoal, e a trocou pela luta dos canavieiros, contra os salários injustos e as péssimas condições de trabalho. Foi assim que aos dezoito anos entrou no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, movida por ideais que, não sabia ainda, mas a transformariam numa líder. A já mencionada disposição para o trabalho ainda criança, culminou numa disposição maior ainda quando fez do sindicato sua segunda casa e lutou pelo direito de quem pensava que não os tinha: os camponeses. A solidariedade foi uma virtude decisiva que a conduziu à tesouraria e presidência do Sindicato Rural por algumas vezes.



Imagem 3 – Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande  
Fonte: Acervo pessoal da autora da produção monográfica

“Todo mundo gostava dela porque ela trazia muita coisa para o sindicato. Ela não ia para uma guerra para não vencer não... ela vencia na guerra, tudo ela vencia, o pessoal dizia não faça isso, na verdade, mas ela ia até Brasília, ia conversar com Lula, conversava muito com Lula ele era amigo dela... Aí resolvia toda questão.” (sic conforme documento Anexo B, D. INÊS ALVES, irmã de Margarida)

Os meandros da lei que utilizava para encurralar os proprietários rurais e fazê-los devolver os direitos subtraídos dos trabalhadores ela aprendeu com o esposo Severino Casseiro, que a acompanhou desde sua entrada no sindicato até sua morte. (BARBOSA<sup>10</sup>, 1984). E é exatamente seu Casseiro, que a acompanhou a vida toda

<sup>10</sup> Sebastião Barbosa. A Mão Armada do Latifúndio, Margarida: Quantos Ainda Morrerão? João Pessoa: União. 1984.

que fala sobre a vida ao lado da líder do povo. Tomando como base a história oral, este é um dos relatos mais emocionados sobre Margarida, quando seu ex-companheiro responde às perguntas como conheceu a líder e se ele a ajudou a entrar no sindicato:

“Eu conheci ela ainda era moço, é uma coisa que já num... eu já me casei, casei de novo e agora não posso me meter em nada é já quase com com... Já, já muito velho já. (...)Foi eu quem ajudei, foi eu que ajudei - menos em questão, eu ajudei a trabalhar comigo mas para saber disso daquilo outro”. (sic. Conforme documento Anexo C, depoimento de SEU CASSEMIRO, ex-esposo de Margarida)

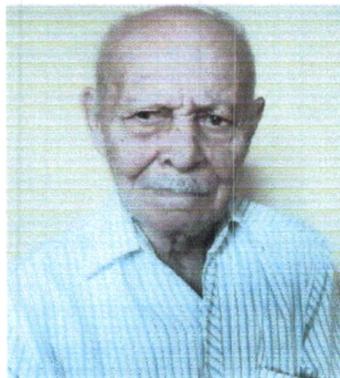


Imagem 4 – Sr. Cassemiro, viúvo de Margarida Alves  
Fonte: Acervo Pessoal da família

Seu Cassemiro já é muito idoso, mas não esquece os benefícios que a ex-esposa trouxe para os trabalhadores rurais. E, assim como muitos que acompanharam a luta dos líderes do povo rural, ele gostaria de ver a justiça sendo feita:

“Vontade eu tenho, de ver justiça. Sem aparecer o culpado e aqui parece ninguém sabe quem é culpado, eu não sei quem foi, eu vi, eu entrei na justiça, não sei não... Graça a Deus que eu até aqui tô calado(...)” (SIC Conforme documento Anexo D, Depoimento de SEU CASSEMIRO, ex-esposo de Margarida).

A sede por justiça ocupa o lugar deixado pela líder sindical Margarida. Sua ajuda na vida dos trabalhadores rurais do brejo, especialmente em Alagoa Grande foi notória e permeada pela dignidade de Margarida que ajudava sem pedir ou esperar recompensas. Sua trajetória, desde a convivência familiar até o sindicato sempre foi buscando melhorias tanto sociais quanto solidárias. Margarida, que era católica, costumava sempre agradecer a Deus até os obstáculos que ultrapassavam seu caminho; uma camponesa de vida simples e carreira sindical meteórica. Tratar da vida e da luta dela é como tratar do próprio sindicato dos trabalhadores rurais de Alagoa Grande. Suas ideias foram disseminadas pelo vento no meio dos canaviais. Hoje, o presidente do

Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, Wamberto Nascimento dirige os sindicalizados fomentado pela mesma luta que tinha Margarida: melhoria para o trabalhador do campo. Em relato oral, Wamberto, conhecido nas redondezas por Beto do Sindicato, complementou o que muitas pessoas falaram a respeito da líder sindical alagoagrândense:

“Margarida, quando ela faleceu eu era criança, rapazote, mas assim o pouco tempo que agente passou com ela, e agente acompanha aqui o movimento sindical, e eu sou presidente, a Margarida foi aquela pessoa que deixou um legado, de história assim para Alagoa Grande, que uma mulher que levou o nome de Alagoa Grande a nível nacional e internacional, era uma figura de destaque, era uma pessoa que lutava pelo bem das pessoas, ela queria ver o melhor para o trabalhador, uma pessoa que nunca abriu mão dos seus princípios. E ela nos deixou esse legado que engrandeceu, que elevou o nome de Alagoa Grande a nível nacional e internacional”. (sic conforme documento Anexo E, entrevista de WAMBERTO DO NASCIMENTO, atual presidente do sindicato).

Uma das principais lutas travadas pela flor agreste que desabrochou no brejo era exatamente a luta por um pedaço de terra para que os camponeses pudesse plantar e colher sua roça; hoje, segundo Beto do Sindicato existem assentamentos que promovem essa conquista:

“Hoje em Alagoa Grande nós somos treze assentamentos do INCRA, está para surgir mais dois que é o assentamento do Engenho do meio e da Usina Tanques, vai ser desapropriador brevemente, então serão quinze (15) áreas de assentamento só do governo Federal na área do INCRA<sup>11</sup>, porque do Estado nós já temos outros assentamentos, que ao todo já vamos se aproximando de vinte (20) assentamentos em Alagoa Grande. E é como nós do Sindicato temos dito: a luta sindical passa por três fases – A primeira foi lutar pela carteira assinada, aposentadoria, salário maternidade e tal chegou pra todo mundo, os trabalhadores rurais e as trabalhadoras, a segunda luta foi pela terra, nós já avançamos muito conseguimos bastante terra e a terceira e última fase a luta da permanência do homem no campo, para educar e preparar o povo para produção, para permanência no campo e isso tá dando um problema sério, mas é um desafio e o maior dos desafios é fazer a gente permanecer no campo produzindo e com eficiência, e com resultado para resultado para a gente sobreviver no campo é um desafio grande as terras sai do latifúndio e passa para mão do agricultor. (...) Alagoa Grande sai do latifúndio pra mão do minifúndio do pequeno produtor, então os desafios agora são maiores ainda né? É ensinar esse agricultor a produzir, a sobreviver no campo tá, então isso é pior do que conseguir a terra, é dá condições, é dar assistência. Então é isso aí, são desafios e nós vamos à luta”. (sic conforme documento Anexo E, entrevista de Wamberto)

<sup>11</sup> Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária é uma autarquia federal da administração Pública brasileira. O INCRA administra a questão agrária no Brasil. Sua sede é no Edifício Palácio do Desenvolvimento no município de Brasília, Distrito Federal.

O ponto de vista do Sindicato onde Margarida atuou como presidente é sempre considerada, sendo assim, em entrevista Beto do Sindicato tratou do assassinato mais polêmico da região de maneira firme e direta, sem deixar de lembrar dos ideais que a motivaram e ainda hoje servem de base para os sindicalizados:

“O crime de Margarida ele se deu justamente porque Margarida ela não abriu mão dos princípios dela dos direitos do trabalhador, que era carteira assinada, que era os dias melhores pros trabalhador, na época. A ditadura militar incentivava muito o crime organizado, acobertava a banditisse, então era o Estado e a pistolagem convivendo com o grupo da várzea, era um império cana-de-açúcar, o Proálcool. Então aquilo ali foi uma ordem quase que mundial, que agente é bom com tudo isso né? Como Margarida não abria desses princípios, e veio a consequência do crime, o crime do poderio econômico que reinante em Alagoa Grande né? Que você sabe que os interesses econômicos prevalece independente da época e isto tem motivado guerra, assassinatos em massa até hoje ainda prevalece(...)” (SIC conforme documento Anexo E, depoimento de WAMBERTO DO NASCIMENTO, o Beto do Sindicato)

Uma outra figura importante para a pesquisa deste trabalho foi a senhora Terezinha Vasconcelos, que era atendente do sindicato na época em que Margarida atuava nas várzeas de Alagoa Grande. Tratar da companheira de trabalho traz lembranças boas e outras que a memória prefere esquecer; D. Terezinha relata como foi conviver com a líder, sobre suas ideias, convicções e visão política:

“Margarida Maria Alves você sabe que foi um exemplo de mulher. Ela era um camponesa muito autêntica, inteligentíssima, uma pessoa que trabalhou em benefício do agricultor a vida inteira. É eu falar de Margarida você sabe que é um exemplo, por que Margarida ela só trabalhou em benefício do povo, dos agricultores, ela... apesar que eu não fazia parte da mesa diretora, eu trabalhava como atendente mas ela tinha muita atenção a mim tá entendendo? A gente fazia várias reuniões. Ela convidava não só eu como as outras duas atendentes, explicava muita coisa pra gente e tudo que Margarida, o trabalho dela e tudo que eu via ela fazer era somente em benefício do agricultor do homem do campo(...) Foi uma presidente de Sindicato que se pode dizer e se pode se orgulhar que foi uma pessoa maravilhosa. É como diz foi o destino dela, uma grande traição na vida dela, fazer o que fizeram Margarida tá entendendo? Por que Margarida hoje era pra ainda ser presidente do Sindicato. Porque o Sindicato no tempo de Margarida era um Sindicato vivo, com muito benefício para o povo, você sabe que tinha dois médicos dois dentistas, três atendentes, cursos, tinha cursos de costura, ela conseguia cursos de costura era cursos diversos, sabe muito, muito... era um sindicato autêntico, ela era uma mulher autêntica tá entendendo? Ela também seu cassimiro que vivia do lado dela, muito inteligente, muito trabalhador, orientava também muito ela, entendeu como era?, dava maior força, que ele também foi presidente do Sindicato. Margarida foi um exemplo de mulher, um exemplo de diretora do sindicato, uma dirigente sindical”. (sic conforme documento Anexo E, entrevista de TEREZINHA VASCONCELOS, ex-atendente do sindicato)

A senhora Terezinha não se esquece da importância de Margarida para o sindicato rural de Alagoa Grande, mesmo após sua morte; a influência que a semente plantada por ela exerce até hoje na região é algo notório:

“Muitas pessoas cresceram em cima do trabalho de Margarida ta (sic) entendendo? Não só politicamente como em outros trabalhos (...) aprenderam muito com ela. Só acontece o seguinte: nenhum, mas eu vou lhe dizer, nenhum presidente chega aos pés de Margarida, nenhum presidente. Ela influenciou muito as lutas trabalhistas não só aqui como no Brasil”. (sic conforme documento, depoimento de TEREZINHA VASCONCELOS)

As ideias que acompanhavam Margarida Alves são quase um patrimônio para a história de Alagoa Grande, como os habitantes da cidade costumam dizer. Entretanto, o medo ainda impera hoje quando se fala desse homicídio; pessoas têm receio de mencionar os mandantes do crime. Algumas pessoas que não tinham simpatia pela líder sindical também foram entrevistados, embora não concordaram em divulgar suas opiniões publicamente, por isso, não autorizaram o registro neste trabalho. Uma das dificuldades encontradas para a produção deste trabalho foi justamente este: o medo de falar sobre o ‘caso Margarida’, mesmo 28 anos depois de sua morte.

Os relatos presentes neste trabalho tem suporte ideológico em Lucilia de Almeida Neves Delgado, que esclarece em *História Oral – Memória, tempo e identidade*, que a história oral não se refere aquela história vivida apenas, mas sim ao registro em forma de depoimentos acerca dessa vivência. Esses registros foram o suporte de toda a pesquisa exposta aqui.

O passado confirma a identidade e enriquece o presente com resíduos ampliados sobre tempo que já se foi (o ser de ontem é o ser de hoje). Dessa forma, passado e presente existem simultaneamente. A humanidade, consciente dessa dinâmica vital de preservação do conhecimento de si mesma para as futuras gerações, dedica-se a tarefas de preservação no presente, que um dia será passado, de registros, informações, monumentos, enfim luzes para seu reconhecimento e seu não esquecimento no futuro. (NEVES, 1999)

### 2.3 Ideias e ideais da Líder do Brejo

Embora a seca castigue com maior veemência o sertão e o cariri, o brejo em determinados períodos do ano, sofre tal qual o sertão. Adentrar nos canaviais causticantes e dar esperança aos trabalhadores não era tarefa das mais fáceis, principalmente porque as oportunidades empregatícias para analfabetos eram e ainda são mínimas. Margarida sabia que precisava disseminar suas ideias e suas convicções a respeito da estrutura fundiária e sindical. A legislação trabalhista da época era vista por ela como incompleta, inclusive, sugerindo assim, uma reforma parcial nessa lei, permitindo que o trabalhador rural pudesse ter vez e voz, que os sindicatos fossem livres e que o Estado interviesse menos nos sindicatos. Para ela, apenas quem estava diretamente ligado aos sindicatos era quem tinha direito de discutir tal assunto. O direito de greve era para ela, já naquela época, inalienável, tendo em vista que somente com greves é que os trabalhadores poderiam alcançar a idoneidade trabalhista. Direito à greve pleno e incondicional, desde que assegurado em lei. Apesar de ser a favor da greve, Margarida era contra qualquer tipo de abuso. Para ter o direito de greve incondicional, entendia ela que era necessário fazer uma campanha através dos sindicatos com o objetivo de influenciar a opinião pública e uma conscientização geral das bases sindicais, que por sua vez, pressionaria o governo. Segundo ela, era fundamental a mudança na lei de greve para que patrões e empregados pudessem igualar-se na mesa de negociações. Tudo o quanto Margarida queria era a igualdade social.

Apesar de ser a favor dos sindicatos, ela era contra a formação das chamadas ‘Comissões de Empresas’, que tinham os representantes indicados pela direção da empresa. Margarida achava que “quem deve decidir o destino dos trabalhadores são eles próprios” e que as iniciativas que partem das empresas nunca são boas para os trabalhadores, apenas para as próprias instituições trabalhistas. A respeito do fortalecimento dos sindicatos, Margarida pregava que quando os sindicatos tivessem condições de conhecer profundamente a situação financeira das empresas, seus lucros, legislação salarial, política de preços do governo aliado, mudança da lei de greve e a criação de um Fundo de Greve, era que os sindicatos ficariam mais fortalecidos e mais respeitados como o são em alguns países. (BARBOSA, 1984)

Margarida denunciava as irregularidades que aconteciam nos campos, tais como: os cortadores de cana trabalhavam de sol a sol sem direito a descanso, trabalhavam durante dez e/ou doze horas seguidas. De acordo com a declaração universal dos Direitos Humanos, todas essas práticas são inadequadas e inadmissíveis; os trabalhadores estavam expostos ao perigo, e por vezes arriscavam a vida para poder trabalhar nos canaviais. Em contrapartida, os

latifundiários enriqueciam cada vez mais, sem se preocuparem com seus trabalhadores. É claro que justiça social e agrária não sejam efetivadas em pouco tempo, mas a legislação judicial tem um capítulo à parte que trata exatamente dos conflitos agrários. O Direito Agrário é o conjunto de princípios e de normas que visam disciplinar as relações jurídicas, econômicas e sociais emergentes das atividades agrárias, as empresas agrárias, a estrutura agrária e a política agrária, objetivando alcançar a justiça social agrária e o cumprimento da função social da terra. Contudo, há interesses, dentro da perspectiva do “dever ser”, que não estão inseridos no ordenamento jurídico oficial. De qualquer forma, cabe ter presente a dinamicidade do Direito, de forma que se trata de um processo de constante construção, onde as verdades de hoje se encontram superadas pela realidade prática do dia de ontem.

Entretanto, mesmo tendo um ramo específico do direito para tratar de desordens e injustiças sociais desta natureza, ainda assim prevalece a lei do mais poderoso, do mais rico e do que tem maior propriedade rural em mãos. A justiça só se efetiva a favor do trabalhador rural quando se trata de justiça do trabalho, já no uso da palavra que temos hoje. Os desmandos reproduzidos através dos gritos dos jagunços do campo, oprimem os trabalhadores rurais, forçando-os a um regime de semi-escravidão.

As pressões feitas pelos proprietários rurais em cima dos trabalhadores era uma questão que preocupava muito Margarida, pois os patrões não permitiam que seus trabalhadores fossem sindicalizados. E, sempre que tinham notícia que algum trabalhador havia sido sindicalizado, logo em seguida, perdia o emprego e era conduzido à miséria social e à fome. Mesmo com tamanha dificuldade em chegar aos trabalhadores, as reuniões sindicais continuavam acontecendo, com pouca gente, o que prejudicava a luta de Margarida pelos direitos dos trabalhadores. No que diz respeito a assistência médica aos trabalhadores, Margarida tinha uma opinião reta: deveria ser prestada a assistência pelo estado, com a participação dos sindicatos, com o objetivo de prestar um bom atendimento, como reza a constituição.

Dia 30 será a chegada de nossa ambulância, às 14 horas e desejo que todos os trabalhadores estejam na sede para receber o nosso veículo e também para receber esclarecimentos sobre as leis agrárias e trabalhistas. Por que é uma missão do sindicato, é uma missão da Federação; é obrigação que temos de dizer aos trabalhadores os seus direitos (...) não queremos saber se o empregador gosta ou não gosta (...) Companheiros, a prepotência de Alagoa Grande estão oprimindo a diretoria do sindicato dos trabalhadores rurais. Ainda sexta-feira recebemos uma agressão. Mas eu quero dizer a vocês que nós não tememos e vamos até o fim. É melhor morrer na luta do que morrer de fome. Os poderosos de Alagoa Grande estão nos perseguindo (...) (Pronunciamento de Margarida no Programa Alerta ao Trabalhador da Rádio Cultura de Guarabira, em 30/04/1983)

Não apenas Margarida como tantos outros líderes camponeses que disseminaram suas ideias pelos campos e várzeas Brasil afora, com a finalidade de tentar a justiça social e melhores condições de vida e emprego. É difícil resumir o que foram as Ligas Camponesas. Grandes líderes do campo tiveram influência neste movimento. Há muitas teses acadêmicas sobre as Ligas Camponesas que, em 1945, surgiu em Pernambuco e se espalhou por boa parte do Nordeste brasileiro na década de 50. O que marcou a ação desse movimento foi o fato de os agricultores irem às ruas, realizando marchas, comícios e congressos. Procuravam não só reforçar sua organização interna, mas também queriam ampliar sua base de apoio nas cidades e, dessa forma, colocar-se defender-se dos latifundiários. Quem deu coragem aos trabalhadores das várzeas alagoandenses foi Margarida.

A história de um outro paraibano dialoga com a de Margarida, primeiramente pelos ideais, segundo pela luta que pessoal que travou desde cedo contra as injustiças que eram cometidas contra sua família: O paraibano João Pedro Teixeira é considerado um mártir da luta pela terra no Nordeste do país, assim como também o Chico Mendes<sup>12</sup> se destacou no norte do país. Pedro Teixeira, apesar de não ser contemporâneo de Margarida, corroboram com os mesmos ideais e quase que a mesma vida. A violência dos latifundiários acompanha João Pedro Teixeira desde quando ele tinha seis anos de idade. Veio na forma de perseguição a seu pai, que arrendava um pedaço de terra de um grande proprietário. Houve conflitos entre ambos e o pai de João Pedro Teixeira foi atacado por capangas, baleou um deles e se viu obrigado a fugir, para nunca mais aparecer na região. Como percebe-se, a história nessa época era sempre a mesma: grandes latifundiários detentores do poder econômico encomendavam a morte de quem lhes era desafeto. Entretanto, as ideias e os ideais desses dois líderes subsidiaram grandes avanços contra a injustiça para com o trabalhador rural.

---

<sup>12</sup> Francisco Alves Mendes Filho, mais conhecido como Chico Mendes, (Xapuri, 15 de dezembro de 1944 — Xapuri, 22 de dezembro de 1988) foi um seringueiro, sindicalista e ativista ambiental brasileiro. Sua atividade política visada à preservação da Floresta Amazônica e lhe deu projeção mundial.

### 3. CAPÍTULO III – LUTA E MORTE DA LÍDER DOS CAMPONESES

Um longo caminho foi percorrido pelo sindicalismo. As lutas, mortes e chacinas do povo são incontáveis, muito sangue foi derramado e nossa história é permeada de mais de 500 anos de luta por melhoria em todos os sentidos; 178 anos de história do esforço para construir a identidade do cidadão brasileiro. A sensação desconfortável de incompletude sempre vai nos conduzir. Os progressos feitos são inegáveis, mas foram lentos e não escondem o longo caminho que ainda falta percorrer. A celebração da conquista da terra não oculta o drama vivido há anos, as perseguições, os maus tratos nos canaviais, milhões de pobres, de desempregados, de analfabetos e semi-analfabetos, de vítimas da violência particular e oficial. Não há indícios de saudosismo em relação à ditadura militar ou a ditadura do poder, o que na prática se configura no mesmo prisma, mas perdeu-se a crença de que a democracia política e a justiça resolveria com rapidez os problemas da pobreza e da desigualdade.

Segundo a constituição, primeiro os direitos sociais, depois vieram os direitos políticos, e, finalmente, direitos civis, que continuam inacessíveis à maioria da população. A pirâmide dos direitos foi colocada de cabeça para baixo e a opressão acompanhou nossa história e nosso pseudo-progresso. É preciso lembrar que o povo sempre foi escravizado, ou pelo português que ‘colonizou’ e nos roubou inúmeras riquezas, ou pelo ditador, que embora detestado, era suportado por seu povo. Lutar em nosso país é um sinônimo de tentar ir de encontro a uma classe dominante e onipotente que de uma forma ou de outra, ou pela lei ou pela força, busca sempre oprimir e tirar vantagens dos mais pobres, dos menos favorecidos.

O esforço de reconstrução, melhor dito, de construção da democracia no Brasil ganhou ímpeto após o fim da ditadura militar, em 1985. Uma das marcas desse esforço é a voga que assumiu a palavra cidadania. Políticos, jornalistas, intelectuais, líderes sindicais, dirigentes de associações, simples cidadãos, todos a adotaram. A cidadania, literalmente, caiu na boca do povo. Mais ainda, ela substituiu o próprio povo na retórica política. Não se diz mais "o povo quer isto ou aquilo", diz-se "a cidadania quer". Cidadania virou gente. No auge do entusiasmo cívico, chamamos a Constituição de 1988 de Constituição Cidadã. (CARVALHO<sup>13</sup>, 2005)

---

<sup>13</sup> CARVALHO, J. M. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

### 3.1 A Construção da Identidade como Líder Sindical

Ao analisar a trajetória de vida e luta de Margarida Alves, perguntamo-nos como foi construída a cidadania e a identidade dessa líder; cidadania se constrói pelo que se faz e identidade pelo que se é. Assim, Margarida Alves lutou até ser calada pela voz de uma arma.

Resgatar a memória é de extrema importância devido à construção de uma identidade consistente, seja de um determinado povo, de um líder, de um indivíduo comum. Para isso é necessário que não deixe de rememorar, ir em busca das raízes, das origens, da essência da história, etc. A memória tem um caráter primordial para elevação(ou não) de uma nação de um grupo étnico, pois aporta elementos para sua transformação.

Stuart Hall afirma que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas, transformadas no interior da representação” (HALL<sup>14</sup>, 1999, 48). Sendo a nação construída, é uma comunidade simbólica e gera sentimentos de identidade e de pertença que não necessariamente tem de ser os limites geográficos que impõe essa nação. Partindo do pressuposto que a memória é a faculdade de reter idéias ou reutilizar sensações, impressões ou quaisquer informações adquiridas anteriormente como afirma o dicionário da Língua Portuguesa (FERREIRA<sup>15</sup>, 1989, 334), percebe-se que essa memória proporciona a lembrar da própria lembrança e não deixa que se apaguem as experiências adquiridas por todos envolvidos com aquele episódio.

No território em que habitava Margarida Maria Alves, identificar-se como indivíduo que tem vez e voz era tarefa quase impossível, pois havia vozes de desmandos mais altas que às do povo. A construção identitária da líder camponesa começou a ser construída a partir do momento em que a injustiça social era constante e incômoda para ela. A vontade de ajudar os trabalhadores, que assim como seus pais, também foram expulsos de um pedaço de terra ou foram explorados pelo latifundiário, emergiu e se tornou uma força motriz para Margarida. Ser representante de trabalhadores rurais analfabetos fez de Margarida não apenas uma líder odiada pelos proprietários rurais, mas também aclamada pelo povo a quem costumava ajudar. Toda construção de um

---

<sup>14</sup> Stuart Hall. A Identidade cultural na pós-modernidade. Trad. (Trad. Tomaz Tadeu da Silva). 3 ed.

<sup>15</sup> Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, escritor e dicionarista.

indivíduo remete sempre ao meio ao qual ele está submetido. No caso da líder camponesa, o canavial e o sindicato foram decisivos e grandes influenciadores de sua personalidade e história de vida.

Na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são compartilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. (HALL<sup>16</sup>, 2000). Essa construção da identidade ou identidades vai se moldando quando um determinado grupo se apropria de seus valores, manifestações perpetuando-os na sua história, passando de geração a geração. As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter certa correspondência. Elas tem a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos (HALL<sup>17</sup>, 2000, 109). E foi exatamente o meio em que Margarida viveu que construiu essa identidade e essa liderança que pertenciam a ela; foi o meio social que a fez líder, juntamente com suas convicções, ideais e ideias.

Através da memória e da construção da identidade de um povo, no caso deste trabalho, de uma líder, surge o turismo com a perspectiva de preservar a cultura e fazer dela um produto turístico que tem uma demanda específica, pois quem procura esse tipo de turismo quer outro tipo de atração que é conhecer o Patrimônio cultural daquela localidade. A relação existente entre cultura e turismo é visivelmente notada quando o turismo se apropria das manifestações culturais, da arte, dos artefatos da cultura. Assim, em 26 de agosto do ano de 2001 foi fundada em Alagoa Grande a Casa Margarida Maria Alves, um museu que conta a história da líder sindical e proporciona turismo cultural à região, que também é conhecida pelo ícone musical Jackson do Pandeiro. A memória e a identidade são essenciais para o desenvolvimento do turismo cultural de uma região.

---

<sup>16</sup> Stuart Hall. A Identidade cultural na pós-modernidade. Trad. (Trad. Tomaz Tadeu da Silva). 3 ed

<sup>17</sup> Idem

### 3.2 Morte de Margarida: Calaram a voz do campo!

Aos 50 anos, sabendo que tinha que se cuidar mais, Margarida comemora ter conseguido parar de fumar e, registrou em um diário essa melhora; o trabalho exaustivo que desempenhava à frente do sindicato não a desanimava, embora o cansaço fosse companhia constante. Na sexta-feira, 12 de agosto, a líder saiu de casa, foi à Guarabira participar de uma Assembléia Geral do CENTRU (Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural), do qual fora diretora até a noite anterior. Voltou para casa, almoçou com a família e foi repousar normalmente. Um dia comum, se não fosse pelo que estava por vir.

A tarde começava como as cidades interioranas: sem movimento. Às 14h Margarida foi para o sindicato. Dentro de poucos dias, seria dado início a uma campanha salarial que envolveria milhares de trabalhadores rurais. A diretoria estava fazendo o trabalho de base, indo aos engenhos, canaviais, fazendas e, com isso conseguiu descobrir novas lideranças. Entretanto, Margarida vinha sofrendo várias ameaças, assim como todos aqueles que teimam em desafiar quem pensa estar acima da lei.

Por volta das 17h, ela dividiu uma espiga de milho com a irmã, minutos depois se debruçou sobre a porta, o marido em frente a televisão e o filho brincando na calçada de uma casa vizinha. Foi quando se aproximou um homem, supostamente interessado em assinar a carteira de trabalho, como tantos que a procuraram. O que Margarida não sabia era que estava a poucos instantes de morrer e se calar para sempre.

Seu Cassemiro, esposo de Margarida Alves é quem relembra a fatídica tarde de 12 de agosto de 1983 no livro do escritor Sebastião Barbosa:

“Em dado momento, ouvi uma grande explosão, deixando-me totalmente mouco. Recuperado do susto, olhei para a porta onde se encontrava Margarida e deparei-me com o seu corpo, banhado em sangue. Apavorado, corri para cima dela e fiquei totalmente chocado ao ver o seu rosto completamente deformado e ela já sem vida” (BARBOSA, 1984, p. 81).

Ao anunciar que Margarida estava morta, seu Cassemiro e os vizinhos não entendiam o que havia acontecido, mas lembra-se de como ocorreu o ex-esposo. Ele relatou que pôde ver quando três homens, ocupando um Opala vermelho, deram várias voltas na rua da Olinda, residência de Margarida. Até que um dos homens, carregando um saco grande nas mãos, desceu do veículo e caminhou depressa até sua casa. Perguntou se era ela a ‘dona Margarida’, quando respondeu que sim, a entrada da casa ficaram salpicadas de sangue e pedaços de cérebro, ao disparar uma espingarda calibre 12 à queima roupa. A famosa espingarda é uma

arma de imenso poder de destruição, para se ter uma noção seus projéteis são semelhantes a queda de dois sacos de farinha de 60 quilos sobre um corpo humano.

Em seguida, o criminoso desceu rapidamente a calçada e foi para o carro, que já o esperava para fugir. A placa do carro foi propositalmente jogada no chão. A polícia foi acionada, entretanto, só chegou ao local por volta das 18h, quando, toda a iluminação pública entrou em pane. Coincidências à parte, a iluminação só voltou algum tempo depois, tempo suficiente para qualquer fuga. A notícia da morte da líder sindical ganhou os jornais, a televisão e um clima de tristeza e comoção tomaram conta do velório e sepultamento. O cortejo que saiu do sindicato até o cemitério de Alagoa Grande foi acompanhado por cerca de duas mil pessoas e a missa de sétimo dia foi assistida por 5.000 pessoas.

O atestado de óbito esclarecia a causa da morte como “ferimento penetrante com destruição total do crânio e face do lado direito”. Partindo daí, um inquérito foi aberto. E os principais adjetivos para qualificá-lo foram ‘caro’ e ‘inútil’. O inquérito policial da morte de Margarida foi uma farsa consentida, fraudada e manipulada de acordo com as conveniências dos poderosos. Apesar do empenho do governador na época, Wilson Braga, de apurar todos os fatos e punir culpados, independente de origem econômica. A conclusão indiscutível foi a de que donos de usinas tramaram o enredo do assassinato de Margarida. Em meio às trapalhadas policiais, ciganos foram detidos e apresentados como responsáveis. Inicialmente foram indiciados Amauri José do Rego, "Toinho" e Antônio Carlos Coutinho Régis (Carlinhos), como consta de relatório do delegado nomeado pelo ex-secretário de Segurança, Fernando Milanez, para proceder a investigações. Wilson Braga chegou a requerer ao Tribunal de Justiça uma Comissão Especial daquela Corte para desvendar o crime. O apelo foi negado. O senador Humberto Lucena protestou na tribuna e parlamentares de outros estados, como Airton Soares (SP) deploraram o episódio.

Instaurou-se o Inquérito Policial IP Nº 023/83, cujas primeiras diligências foram infrutíferas, uma vez que as testemunhas do crime sofreram ameaças e atos de hostilidade, o que as levou a negar qualquer conhecimento sobre os fatos ou a alterar suas declarações no curso da investigação. Só se pôde assim provar que o atirador tinha fugido em um veículo GM Opala vermelho, juntamente com três cúmplices. Segundo os petiçãoários, a investigação prosseguiu de forma ineficaz, apesar das diversas denúncias de organizações nacionais e internacionais sobre a morte da presumida vítima. Os petiçãoários alegam que a polícia não considerou seriamente a linha investigativa de que o crime tinha sido motivado pelo papel desempenhado pela presumida vítima na defesa dos direitos dos trabalhadores rurais. (Comissão Interamericana de Direitos Humanos, 2008)

As páginas iniciais do inquérito diziam nas entrelinhas o que o imaginário popular já sabia: que os métodos utilizados na fulminante eliminação de Margarida Maria Alves, difere em pouco ou quase nada da eliminação de líderes camponeses. As vitoriosas causas populares também diferenciam em pouco: Pedro fazendeiro morreu porque junto com Elisabeth organizou as Ligas Camponesas. Nego Fubá e outros desapareceram porque pretenderam se organizar, Margarida morreu pelo mesmo motivo: através de ações eminentemente populares, postulou direito dos agricultores, entretanto entre o direito do pobre e o direito do rico havia um rio chamado Justiça. Um dos acusados, Antônio Carlos Coutinho Régis, que nem pedida a sua prisão preventiva teve, fez graves acusações a Margarida, dizendo que os proprietários rurais a odiavam.

O inquérito foi instaurado com base na portaria de fls. 08, baixada pelo superintendente da 2ª Região de Polícia, que designou o Bel. Nazareno de Weimar Thé para condução das investigações, tendo ele procedido as diligências preliminares, por designação do Secretário de Segurança Pública. Com base nas informações colhidas nas investigações preliminares a autoridade tomou as seguintes iniciativas: audição em termos de declarações e depoimentos de todas as pessoas que tiveram conhecimento do fato, bem como dos proprietários rurais da região, solicitação aos diversos órgãos de trânsito do veículo a quem pertencia a placa que caiu, segundo testemunhas na hora do crime, verificou-se que se tratava de uma placa “fria”, fato que reduziu a zero as investigações. As primeiras testemunhas que foram ouvidas nas investigações preliminares foram Ivaldo Fernandes Chaves (fls. 11), Marinete da Fonseca Chaves (fls. 12), Natanael Marinho (fls. 13, Edilson Ferreira (fls. 15). Sendo assim, dias depois as testemunhas fizeram o retrato falado do assassino constante das fls. 27 dos Autos. Com base nos depoimentos prestados por Edmilson Pereira dos Santos (fls. 61/62), Antônio da Silva Ramos (fls. 63/64/65), Inácio Justino da Costa, menor (fls. 95), Maria Lúcia da Silva (fls. 100) uma suposta participação de Antônio Carlos Coutinho Régis, que logo em seguida foi negada, conforme demonstrou os Autos de Reconhecimento de Pessoa de fls. 130/131/132/133/134/135/136.

Até um grupo de ciganos, que estavam em uma cidade vizinha também foram investigados por terem semelhanças com o retrato falado feito por uma perita do estado da Bahia. Os ciganos Félix Vicente acusou outros, que foram detidos para averiguações: Nelson Caruba, José Nicolau Alves da Silva, Damião Vicente. Mas, quando submetidos aos Autos de Reconhecimento da Pessoa, foram dispensados. Ouvido às fls. 196, o cigano Félix Vicente compareceu na presença de representantes da imprensa e de seus advogados para ratificar suas declarações iniciais. Entretanto, nenhuma das diligências efetuadas comprovaram a posteriore

participação dos acusados na execução do crime, faltando-lhes, principalmente o móvel para a prática do delito, uma vez que nenhuma ligação conseguiu fazer a autoridade investigativa entre o grupo de ciganos e possíveis mandantes, ou mesmo que estivessem agindo por conta própria, bem como também não ficou comprovado que o automóvel apreendido em poder dos mesmos fosse o utilizado na perpetração do crime, o que resultou no pedido de dilatação de prazo para novas diligências às fls. 270; quando novas suspeitas já se faziam evidenciar sobre Amauri José do Rego, Amaro José do Rego e de um terceiro elemento conhecido apenas como Toinho.

De depoimento de José Galdino de Araújo Filho (fls. 204/205), este relata que em uma conversa tida entre ele e o Denivaldo Queiroz de Oliveira, apontaram como autores do crime os irmãos Amaro e Amauri e o conhecido Toinho; o fato de Amauri ter ido até a casa de Margarida na véspera do crime para um possível reconhecimento do local, utilizando-se da história cobertura de solicitar uma guia de atendimento médico, fato esse narrado segundo o declarante pelo indivíduo Toinho a Derivaldo Queiroz e a seu irmão Denílson. Vale salientar que só o esposo da vítima, o seu Cassemiro é que sabia de tal fato. Ouvidos Derivaldo Queiroz e seu irmão Denílson Queiroz (fls. 208, 209, 210 e 211) confirmaram o depoimento prestado por José Galdino, tendo em seus próprios depoimentos mencionado que Amauri e mais dois elementos estiveram em sua fazenda utilizando um veículo Chevrolet Opala de cor vermelho-vinho, de características utilizado pelos criminosos e portando revólveres, tendo inclusive Denílson afirmado que avistou na trazeira do referido veículo uma espingarda calibre 12 de cano curto também semelhante a arma do crime, enrolada numa estopa, salientando que a prática do crime fora confirmada posteriormente por um dos indivíduos que acompanhava Amauri, conhecido como Toinho ou José, como às vezes se identificava.

Do depoimento de Djailton Hugo dos Santos, vulgo Zorro, verifica-se que Amauri foi visto por ele na cidade de Alagoa Grande na véspera do crime, confirmando que Amauri dissera estar ali para fazer um “barato” e descrevendo-o como estando de barba por fazer e com os cabelos cacheados, fazendo-se acompanhar com absoluta certeza por Antônio Carlos Coutinho Régis “Carlinhos” para quem ele já havia trabalhado, retratando-o como indivíduo perigoso e ainda se oferecendo para matar um indivíduo que atirou nele declarante. Confirma ainda que Amauri se encontrava num veículo vermelho-vinho modelo Opala, parecido com o descrito pelas testemunhas Ivaldo Chaves (fls. 11), Marinete da Fonseca (12), Natanael marinho (fls. 13), Edilson Ferreira (fls. 15), Severino Cassemiro Alves (fls. 19), Silvino Albino da Silva (fls. 20) e Josilda Meireles Brito, entre outros. Do depoimento de Rivaldo Bibiano (fls. 212) confirma-se que o carro já mencionado foi por ele visto estacionado em

frente a Prefeitura Municipal de Alagoa Grande, ocupado por dois indivíduos que não reconheceu. Contundente é o depoimento de José Jadson da Silva, vulgo Caco, ex-companheiro de Amauri, que retrata sua personalidade criminosa, confirma propriedade do veículo Opala cor vermelho-vinho, posteriormente trocado por um Corcel, na cidade de Nazaré da Mata, juntamente com um caminhão e um circo de touradas, sinal evidente que pretendia evadir-se. Afirmar ainda que Amauri costumava conduzir uma espingarda calibre 12 num saco (característica igual à do criminoso), confirmando que nos dias próximos do crime, Amauri estava na cidade de Belém-PB, onde colocou uma placa da cidade de Nova Cruz-RN na trazeira do carro. Nota-se que a placa apreendida no local do crime é de Nova Cruz (EX-0690-RN) e fora vendida numa sucata em Belém-PB, conforme depoimentos de fls. 27, 28 e 29.

O exame dos depoimentos referidos acima conduzem a evidências de que Amauri José do Rego e o indivíduo conhecido por Toinho ou José e o indivíduo Antônio Carlos Coutinho Régis foram os autores materiais do crime de homicídio em que foi vítima Margarida Maria Alves, havendo indícios de que a participação do último indiciado tenha sido a preparação ideológica do delito.

Apesar de grande esforço empreendido pelas autoridades que conduziam a investigação mobilizando diversas equipes de polícia nos vários estados vizinhos, inclusive com a cooperação da Polícia Federal, não foi possível localizar e capturar os indiciados Amauri José do Rego e seu irmão Amaro José do Rego, mesmo havendo contra o primeiro mandado de prisão expedido pelo juiz da comarca da Alagoa Grande. Não teria sido possível chegar-se a tão importante etapa da autoria material e parte intelectual do estúpido crime que vitimou Margarida, se não fosse o apoio do Excelentíssimo governador do estado Dr. Wilson Leite Braga, bem como os titulares da secretaria de segurança pública do estado, na pessoa do Dr. Fernando Paulo Carrilho Milanez. Isto posto, representa pela prisão preventiva dos indiciados Amauri José do Rego, Amaro José do Rego, Toinho e Antônio Carlos Régis “Carlinhos”, com fundamento nos Art. 311 e 312 do C.P.P. como única forma de garantia de aplicação da Lei Penal. Com relação a possíveis autores intelectuais já mencionados em testemunhos constantes dos autos, só com a prisão dos autores materiais é que possivelmente poderemos estabelecer qualquer liame entre ambos. (Relatório Bel. Gilberto Francisco Indrusiak da Rosa, em 08 de dezembro de 1983)

Acreditar naquele inquérito policial que interminavelmente tenta não apurar nada é desacreditar na própria Justiça, como postulado maior de um povo. (Barbosa, 1984). Várias testemunhas oculares foram ouvidas. Em 8 de dezembro de 1983, ou seja, quatro meses

depois do assassinato, o Relatório Policial concluiu indicando como executores materiais do crime três pessoas: Amauri José do Rego, Amaro José do Rego e uma terceira pessoa nominada Toinho, os quais estavam foragidos. Além disso, o relatório indicava como co-autor Antônio Carlos Coutinho Regis, filho de um fazendeiro local, integrante do Grupo da Várzea, que teria recebido os autores materiais em sua fazenda. O Delegado de Polícia solicitou a detenção preventiva dos acusados, com exceção do último, por ter domicílio certo e ser réu primário.

Em 1986, a relação do Grupo da Várzea com o assassinato foi confirmada pelo bispo diocesano da cidade de Guarabira, Don Marcelo Pinto Cavalhera, amigo e confidente de Margarida Alves. Esta tinha dito ao religioso que os autores das ameaças por ela sofridas eram integrantes do referido grupo de fazendeiros, aos quais se referia como os “potentados de Alagoa Grande”. No dizer do povo, os integrantes do Grupo da Várzea são os mandantes do assassinato de Pedro Teixeira, presidente da Liga Camponesa de Sapé em 1962. segundo a imprensa da época, o pistoleiro que assassinou Pedro Teixeira, o Cabo Chiquinho, incriminou em julgamento a Agnaldo Veloso Borges como principal mandante. Agnaldo era o sexto suplente de deputado, pelo Partido Liberal, ao fim de poucas horas, passou de sexto suplente para efetivo, adquirindo imunidade parlamentar, sendo o processo arquivado.

Em 31 de outubro de 1991, em conformidade com a determinação do Ministério Público, o Delegado de Polícia procedeu a novas diligências para investigar os fatos, concluindo o Relatório Policial em dezembro de 1991. Este indicava em suas conclusões que “teria existido uma reunião entre eles, Agnaldo Veloso Borges e seu genro José Buarque de Gusmão Neto, conhecido por Zito Buarque, na qual se decidiu matar a líder sindical Margarida Maria Alves”. O julgamento de Zito Buarque, inicialmente marcado para 31 de outubro de 2000, foi adiado três vezes. Finalmente, em 18 de junho de 2001, o acusado foi julgado, mas foi absolvido pelo Tribunal do Júri da Comarca de João Pessoa. O Ministério Público recorreu e houve novo julgamento em 2002. O destino do acusado não foi diferente do primeiro julgamento. (Comissão Interamericana de Direitos Humanos).

Margarida Maria Alves inovou: num contexto marcado pelo analfabetismo e pela subordinação dos camponeses aos grandes proprietários ela foi uma das fundadoras do Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural, do qual foi diretora, de 1981 a 1983. Essa iniciativa marca seu esforço em promover a consciência cidadã, o acesso a conhecimentos e direitos e o fortalecimento da agricultura familiar, além da contribuição para o empoderamento feminino na luta por melhores condições de vida no campo. Contudo, no dia

12 de agosto as ameaças se concretizaram, e ela foi assassinada. Significativamente, seus assassinos foram absolvidos. (WOORTMANN<sup>18</sup>)

“Margarida foi fulminada à porta de sua casa, que dá diretamente para a calçada, enquanto contemplava seu filho que brincava na rua. O assassino aproximou-se paralelamente à parede da casa e ao chegar em frente à porta disparou uma espingarda ‘12’, carregada com pregos enferrujados e chumbo grosso, contra a cabeça de Margarida.” (WOORTMANN<sup>19</sup>)

Hoje, o processo nº 003.1983.000.006-7, cujos acusados são os dois irmãos Rego e Antônio Carlos Régis, encontra-se arquivado e armazenado na prateleira de ações penais desde 21/01/2010; o processo nº 1995.000.143-2, que tem como acusado José Buarque Gusmão Neto encontra-se arquivado na caixa nº 04/95, desde 02/09/2003.

Margarida Maria Alves foi uma vítima da ganância e do poder; mas, não foi vitimada sozinha, seus familiares, principalmente o filho que deixara à época na infância. Hoje, reflete o homicídio da mãe com entendimento e discernimento para compreender que ela não se calou diante das injustiças sociais que via todos os dias.

---

<sup>18</sup> *Margarida Alves*: coletânea sobre estudos rurais e de gêneros: NEAD Especial

<sup>19</sup> *Idem*

### 3.3 O Legado

Determinar ou quantificar o legado deixado por Margarida Alves não é possível. A Memória, no sentido primeiro da expressão, é a presença do passado. A memória é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Entre memória e história, os filhos do infortúnio social, da miséria e da injustiça buscam sobreviver. Adotando um dos mais famosos brados de luta do povo camponês: “É melhor morrer na luta do que morrer de fome”. Pensando assim, muitos camponeses e trabalhadores rurais se inspiram para levar uma vida mais digna e consciente de que todos têm deveres, mas que antes deles, têm direitos e precisam ser respeitados. O maior ensinamento da líder camponesa assassinada em 1983 é não se calar diante dos desmandos e não se conformar com a opressão. Todos têm direito a terra, tem direito à vida e ao respeito, sem exploração ou sobrecarga de trabalho.

As últimas três décadas do século XX foram marcadas, entre inúmeras outras transformações ocorridas na História, por uma reavaliação das complexas relações que vinculam e que separam a história e a memória. A função do historiador era ser o guardião da memória dos acontecimentos públicos, quando escritos para proveitos dos autores, para lhes proporcionar fama, e também em proveito da posteridade, para aprender com o exemplo deles. Lembrar o passado e escrever sobre ele não se apresentam como as atividades inocentes que julgávamos até bem pouco tempo atrás. Tanto as histórias quanto as memórias não mais parecem ser objetiva. (BURKE<sup>20</sup>, 2000). A repercussão do caso ganhou a imprensa brasileira e internacional. Por meio de sua luta, Margarida incentivou vários grupos e minorias a terem voz e reivindicarem seus direitos.



Imagem 6 – Jornais da época do assassinato  
Fonte: Museu Casa de Margarida Maria Alves

<sup>20</sup> Peter Burke: História como memória social. In: Variedades de história cultural

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O forte poder de influência das oligarquias rurais na Paraíba fica evidenciado quando se pesquisam histórias como a de Margarida Alves; a utilização de violência, uma constante no campo, através da organização de milícias para cometer diversas ações criminosas contra os camponeses, contando com a conivência do Estado que lhes garante a impunidade transforma o meio rural em uma terra sem leis, onde quem tem mais dinheiro sempre vence. Esperar que a justiça seja efetivada para tantos líderes que morreram como Margarida Maria Alves é como esperar por uma solução imediata para a miséria. Os líderes que perderam suas vidas lutando pelos oprimidos e contra seus opressores serão lembrados sempre, mas o legado deixado por eles serão motivadores para a posteridade.

A questão agrária não foi contemplada ainda, como uma reforma de base, que favoreça a criação de estruturas capazes de gerar renda e resolver um dos mais complexos problemas sociais no Brasil, pois envolve, como supracitado, mudança nas estruturas, e não apenas paliativas, que funcionam como respaldos aos conflitos que emergem no segmento, estão longe de se tratar de reforma.

Tratar os sem-terra como uma classe que faz uma opção de vida pelo campo, e não como um segmento que, por falta de alternativas, fica aprisionada nele, é de primeira ordem para compreender e atuar, buscando equacionar o problema da terra no Brasil, haja vista que o trabalho rural encerra um modo de vida para pessoas que sonham com a posse da terra. Mudar esta imagem estigmatizada dos sem-terra para a população em geral, significa cercear preconceitos e envolver e articular o povo brasileiro em uma reforma de base, que direta ou indiretamente, trará benefícios.

Exclusão e desigualdade social são palavras que refletem o cotidiano dos camponeses, que fazem parte de um grupo social marginalizado pelo capital que apresenta o mercado como alternativa única, fazendo com que esses grupos sejam vistos como arcaicos, “atrasados”, devendo desaparecer. Diante desse cenário, o meio rural foi historicamente ignorado no que concerne às políticas de educação no campo.

A reforma agrária continua fazendo parte da retórica política, ganhando força em períodos eleitorais, parecendo ser uma proposta impossível de ser contemplada em toda a sua amplitude. É notório, que se tornam necessárias políticas agressivas que não temam mexer profundamente na estrutura social do Brasil, pois só com comprometimento, a reforma agrária, propriamente dita, poderá ser executada.

Este trabalho buscou dialogar com a bibliografia sobre a questão agrária almejando, ainda que singelamente, contribuir para o debate sobre a temática, que ainda possui uma longa trajetória analítica a ser percorrida. Por fim, ressaltamos que a característica principal deste trabalho foi a de propiciar, ainda que de forma sucinta, uma visão panorâmica do processo agrário brasileiro, auxiliando possivelmente, em pesquisas posteriores. Margarida Maria Alves lutou e escreveu seu nome na identidade cultural do brejo paraibano e, por que não dizer do Brasil? Com ideias simplórias e palavras veementes conquistou o mais temido dos campos de batalhas: os camponeses oprimidos. A força unida tem um poder dilacerante, principalmente quando a força vem do povo. Os desmandos do poder continuaram, mas foram minimizados; decerto às custas da vida de alguns líderes, muitos latifundiários começaram a respeitar mais seus trabalhadores rurais.

Evidenciar a melhoria, pouca mas significativa para esses ruralistas que eram representados por Margarida Alves é um saldo modesto diante de tantos atos repudiosos e inconstitucionais praticados pelos latifundiários. É preciso que tenhamos sempre esperança em dias melhores e acreditemos na reforma mais urgente que os ruralistas precisam: a reforma do pensamento.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria da Graça Silva. D. Inês Alves. 2011. 1 álbum ( 28 fot.) : colorida .; 5,0 x 5,0 cm
- ALVES, Maria da Graça Silva. Sindicato dos trabalhadores rurais de Alagoa Grande. 2011. 1 álbum ( 28 fot.) : colorida .; 5,0 x 5,0 cm
- BARBOSA, Sebastião. *A Mão Armada do Latifúndio*, Margarida: Quantos Ainda Morrerão? João Pessoa: União. 1984.
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. *Elementos para uma teoria do sistema de ensino* Lisboa:s/ed.1970 Casa Grande e Senzala – Gilberto Freyre
- BRUNO, R. A. L. *Nova República: a violência patronal rural como prática de classe*. Sociologias, Porto Alegre, jul/dez, 2003, p. 284-310.
- BURKE, Peter. “História como memória social”.In: Variedades de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.
- CARVALHO, J. M. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- DA SILVA, J. G. *O que é a Questão Agrária*. 12 ed. São Paulo: Braziliense, 1986.
- DARTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história francesa*. Rio de Janeiro: 1986.
- DEAN, Warrer. *A ferro e fogo*. Companhia das Letras. 1999.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral e Narrativas: tempo, memória e identidades*. Revista História Oral , n 6, Junho 2003. dep. de História, FFLCH – USP.
- DUARTE, N. *A Ordem Privada e a Organização Política Nacional*. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.
- FREIRE, José Avelar. *História de Alagoa Grande – de 1625 a 2000*. João Pessoa. A União. 1999.
- HOBSBAWM, Eric J. 1917 *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.
- HOBSBAWM, Eric J. *Pessoas extraordinárias*. Editora Paz e Terra ! Ed. 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Raízes do Brasil. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

REMOND, René. *Por uma história política*. 2 Ed. FGV. 2003.

SILVA, Flávia Martins André da. *Direito Agrário*. Disponível em <[http://www.abdir.com.br/doutrina/ver.asp?art\\_id=&categoria= Agrário](http://www.abdir.com.br/doutrina/ver.asp?art_id=&categoria=Agrário) > Acesso em :15 de novembro de 2011

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo* (2ª. Ed.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

WOORTMANN, Ellen F. MENACHE, Renata. HEREDIA, Beatriz (org.) *Margarida Alves: coletânea sobre estudos rurais e de gênero: NEAD Especial* / -- Brasília: MDA, IICA, 2006.

<http://www.fundacaomargaridaalves.org.br/php>, último acesso 05/06/2011.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Margarida-Maria-Alves>, último acesso 05/06/2011.

# ANEXOS

## ANEXO A

06/07/2011 - ENTREVISTA REALIZADA COM O SENHOR JOSÉ FRANCISCO SIMPLÍCIO (MANO VELHO), ex-agricultor, 91 ANOS VIZINHO DE MARGARDA MARIA ALVES.

## O SENHOR CONHECIA MARGARIDA MARIA ALVES? COMO ELA ERA?

Ele responde dizendo que “ela não era má pessoa não, ela só fazia o bem, ela nunca foi mal pra mim e eu nunca fui mal pra ela, nem ela nunca fez serviço pra mim. Ela trabalhava nera? Ela trabalhava no Sindicato. Eu nunca fui ocupar ela em nada não. Ela fazia o bem pra o povo, ela não era mal não, ela não era mal vizinha não, só vivia do trabalho dela. Severino era o marido dela, num era nunca vi dizer que ela era mal pessoa não, Margarida Alves, nera? No dia que mataram ela, matava quem teve vontade, mal vontade nela NE, quem teve mal vontade nela foi quem matou. Eu por mim, ela ainda tava viva.”

## O SENHOR PAGAVA SINDICATO? TINHA CARTEIRINHA?

O senhor Francisco responde: pagava, eu ainda tenho a carteirinha, me aposentei como trabalhador rural, o sindicato era bom, mas não era mal, fosse pros trabaiador não. Mais ainda e pro que ela morreu, porque falava a favor dos pobres. E o que eu tinha de dizer eu disse eu nunca tive o que dizer dela não a mulher de Severino Bilsão grande cumprido . Eu fui do sindicato, paguei sindicato muitos anos, adepois que ela morreu ai acabou-se o sindicato ai não fui mais, pagar mais não me aposentei. Eu pagava, tinha vez que eu pagava cinco seis meses adiantado perante Deus, chegava a pagar cinco seis meses adiantado ai quando chegava o mês já tava pago, ai quando chegava o tempo novamente ai eu começava a pagar. Eu era do trabalhador do campo. Ela não era mal pessoa não. Dona Margarida não vou dizer que era mal pessoa não. Se ela fizesse rindade pros outros mas prá mim nunca fez não, minha cartinha ta ai mas não vale nada. Eu acho. Eu to dentro de 91, eu vivo muito doente é todo entrevado dor nos ossos da perna, eu não posso andar, todo entrevado, vou andar vendo a hora cai no meio da casa e quebrar o pescoso. Agente com a vida a baste de Deus primeiramente. Deus é que dá tudo quanto é bom a nós.

## O SENHOR SABE POR QUE FOI QUE A MATARAM?

Porque ela falava a favor dos pobres e não a favor dos ricos a senhora acredita nisso, não era assim, ai ela fez o curso, ai o cara veio matar ela não pode matar veio matar em casa

num foi assim? Sabem quem foi que mataram ela mais aquele Branco Pereira, o Branco pereira que tava com uma questão com ela. E ela, o que ele quis fazer foi mandar matar ela com raiva foi sim senhora, que ela tava punindo pelos pobres que morava na terra dele. A quando chegou ai ela tava com uma questão co Branco pereira e defendendo não sei quem era que ela tava defendendo, agora ele chegou modo isso, na quinta feira os pistoleiros, me lembro como fosse hoje vieram para matar ela; veio dois para matar ela na quinta feira, veio para matar mas ela tava, ela tinha ido fazer um curso em Guarabira num foi assim? Foi fazer um curso em Guarabira que quando chegou na sexta feira, foi quando ela chegou na sexta feira, foi quando ela chegou, ai ela tava em casa, era negócio de 5 horas da tarde, coisa assim e uns cara, os dois cara pistoleiros procurando ela aqui em seu Zé Inácio para o tombo do bebo (Rua José Araújo) digo porque tenho certeza, foi assim: procurando ela ai num achou, quando foi negocio dumas cinco e meia da tarde eu tava cortando uma raçãozinha minha para o animal meu ai nessa casinha ai minha, fazendo, ração, já tava um pouco escuro,, ele chegou os dois na porta dela ai disse assim com quem que tou falando? Ela comia um pedacinho de milho assado assim... pode acreditar, ela comia um pedacinho de milho assado ai disse ta falando com Margarida. Ele veio na quinta feira matar ela, mas não encontrou, ela tava fazendo um curso em Guarabira, quando foi na sexta um negócio de cinco horas da tarde pra cinco e meia eu tava cortando uma ração para um animal meu ai eu não vi o tiro, eu escutei sabe ai eita, um tiro de doze, atiraram na fonte dela nun foi assim? Foi na cabeça atiraram, ai correu o notoro, mataram dona Margarida agora, mataram Margarida e os dois bicho desatou no mundo. E pegava aqueles condenados só alguém tivesse visto e a justiça botasse logo neles. Tava tarde ela chegou e ele disse assim onde é que mora Margarida o cara com a espingarda na mão escondido, onde mora aqui Margarida ela comendo um pedacinho um pedacinho de milho está falando com ela, ai quando tirou a vista ai num viu mais nada só viu foi o tiro, eu ouvi o tiro, eu tava ai cortando a raçãozinha do animá e vi o tiro pra mim só foi um pei!!! E mataram dona Margarida e correu o notoro e acabaram com ela, agora mode a questão de Branco Pereira, foi mode Branco Pereira que ele queria ser o grande também e Margarida botava na rabada deles tudo, ele não falhou e viu o pistoleiro matar como de fato que matou, cinco horas da tarde eu tava cortando a raçãozinha eu vi, eu vi não eu escutei o tiro, pei!!! Mataram dona Margarida.

Agora, foi, foi mode a questão Branco Pereira viu o Branco Pereira queria ser o grandão, devido doutor Agnaldo, tá vendo ele trabalhava para doutor Aguinaldo, botava cana para usina, lá de buraco dágua “só que ela foi quem morreu” vou dizer uma coisa a senhora se ela falasse a favor do rico ela não tinha morrido não, mas ela falava a favor do pobre. Apoi só

sei que acabaram com Margarida que ela falasse a favor dos ricos ela não tinha morrido não, porque ela falava a favor dos pobres e dava proteção aos pobres num sabe, sobre a isso arrumaram o pistoleiro que veio matar ela na quinta-feira mas ela não tava, quando foi na sexta –feira por volta das 05 horas da tarde, cinco e meia da tarde comendo um pedacinho de milho ai foi quando chegou Margarida tai, ai ela disse ta falando com ela, ai quando ela tirou o rosto ai só viu foi o tiro ouvimo o tiro quando disparou foi na fonte dela. Se ela trabaiasse a favor dos rico ela morria não, mas a questão dela com Branco Pereira, Branco Pereira queria ser o grandão com doutor Aguinaldo, mas acabou eu ainda há negócio de Margarida, e dizem que Margarida não morreu não, dizem eles ai, Margarida não morreu não Margarida ta viva. Não tem mais nada ela morreu acabada, acabou, mas o nome dela não sai não, ela ta que nem Dr. João pessoa, não mataram ele, mas mudaram o nome de João Pessoa. Mudou o nome da de João Pessoa, mas a Margarida não era mal pos pobre não. Ai eu dei uma cabeçada de animal, uma rédea, não era freio não, era uma rédea, eu dei isso ai o quarto ta cheinho, ta ai lá no negocio dela (museu) todo mundo deu uma coisa, outro deu outra, eu não tinha o que dá, dei a rédea AH! AH! AH! Dei uma lembrança que era agricultor. A Margarida não era mal não, ela podia ser mal pro negócio dos ricos né.

Que a mulher e o homem se trabaiar a favor do pobre não morre assim, mas se trabalhar contra o rico já sabe que vai morrer. Manda, manda, quem é doutor guinaldo? Cadê ele? Cadê doutor guinaldo?... mulher só quem pode não tire a vida, chega o dia de Deus chamar todos nós,não é eu já vou com 91 anos, pro que Deus é quem tá me dando a vida, né? Deus que ta me dando? Eu vou dizer não, é, é Deus que ta dando? Agora quando chegar o dia, amanhã ou depois ou hoje à noite, mas menino. Eu conversei com o homem ontem de tardezinha e Deus já levou. Chegou à hora nego não se esconde tem que ir, tem que ir seu mano,o chamado de Deus é uma coisa tão bem feita, tão bonita, tão maravilhosa é mentira, se eu tiver mentindo a senhora diga. Mas eles tiraram a vida dela, agora tiraram, mas foi Branco Pereira que tava com uma questão com Margarida devido um morador, era o forte, o ricão também fazia parecia com doutor Aguinaldo. Todo esse povo rico tudo quando queria uma coisa ia falar com Dr. Guinaldo. Mas grande e poderoso é meu pai Jesus não tem outro não. Mulher se ela fosse a favor do rico não tinha matado não, o Branco Pereira não tinha mandado matar o pistoleiro matar ela. Mas como ela era contra os ricos, só botava nos ricos pra lascar. Ele tinha de pagar e pagava o que ele tava devendo os pobres do morador. Ele botava pra fora, tinha de pagar, ele pagava, porque ela botava na justiça ele com raiva disso, e Margarida tinha uma força danada também, cadê à força de Margarida foi tiro e queda, passaram bala na cabeça dei um pei da mulesta.

## ANEXO B

06/07/2011 Entrevista realizada com D. Inês, irmã de Margarida Maria Alves.

No dia 06 de julho de 2011, entrevistei dona Inês irmã de Margarida Maria Alves durante a entrevista ela diz que morava no sítio Agreste, que “Margarida era muito trabalhadeira, plantadeira de abacaxi e depois agente veio simbora para a rua e pronto acabou-se”. Fiz algumas perguntas cujas respostas seguem transcritas na íntegra:

#### COMO MARGARIDA ENTROU NO SINDICATO?

Ele chegou ai Cassimiro arranhou esse trabalho para ela, ai ela ficou no trabalho até o dia que gostou dele e casaram. Ele já era antigo no sindicato, ele é que fundou o sindicato com o padre. Ai cassimiro pegou ela, se gostaram, casaram e ficaram até o dia que ela morreu.

#### QUAL A PRIMEIRA QUESTÃO QUE ELA LUTOU? É VERDADE QUE FOI QUANDO O PAI DELA FOI EXPULSO DA TERRA?

É verdade e ganhou na questão. Então ela começou por ai? Sim mas porque o patrão não queria dar o que era dela, não dava direito, ela lutou, lutou até que ganhou. Daí o povo passou a confiar ai viemos morar aqui na rua ai vivi todo minha vida, ela foi ao sindicato trabalhou bem até que só sei que mataram ela. Todo mundo ia atrás dela ai ela vencia na hora, depois de dois anos não ela resolvia num mês, até que o pessoal, o proprietário Agnaldo Veloso Borges muito patrões, mandava carta para ela ameaçava ela dizendo que se ela não deixasse essa vida ia matá-la, ela dizia quero morrer trabalhando do que morrer de fome. Todo mundo gostava dela porque ela trazia muita coisa para o sindicato. Ela não ia para uma guerra para não vencer não ela vencia na guerra, tudo ela vencia, o pessoal dizia não faça isso, na verdade, mas ela ia até Brasília, ia conversar com Lula, conversava muito com Lula ele era amigo dela ai resolvia toda questão.

#### MAS DONA INÊS ATÉ HOJE NÃO FOI ESCLARECIDO SE FOI AGNALDO VELOSO BORGES E ZITO BUARQUE PORQUE NUNCA FORAM PRESSOS E BUARQUE CONTINUA SOLTO?

Mas porque antes de morrer ela disse assim: eu não quero justiça, olhe comadre tenha cuidado que você se parece comigo o povo vai me matar ai mata você também, não minha filha seja o que Deus quiser, nós gostávamos de usar chapéu hábito do campo, ave Maria só ando de chapéu, até que na hora de morrer ela tava com o chapéu comendo um a espiga de

milho, ela me avisou cuidado, cuidado que o pessoal vai matar eu mata você ai eu dizia seja o que Deus quiser mior que morra eu do que você, ela dizia que eu tivesse cuidado foi tanto que quando esse cara chegou na porta e disse a senhora é dona Margarida mesmo? Ai ela disse sou ai tome. Passou a semana todinha chegando na porta você é dona Margarida, não sou dona Maria e Margarida, está em Guarabira, ela passou a semana em Guarabira, cadê ela ? Por que? Porque eu quero uma ficha... Não sei pra que ele queria ficha. Mas você quer a ficha? Ele disse não só quero com ela. Ele só queria com ela mesmo. Mas no dia quando ela chegou, chegou seu freguês, essa peste ai aquela peste também já foi.

Aí chegou ela tava, ai veio com um saco assim escondendo com a doze, né, perguntando Dona Margarida eu quero uma ficha para arrancar um dente, você é Margarida, você é dona Margarida? É sou eu mesma , ai atirou e matou minha irmã. Dizendo que era pra arrancar dente... inventando. Passou a semana todinha pedindo ficha para arrancar dente.

Ai no dia que ela chegou eu tava lá com ela, isso era antes dela morrer, sabe eu vim pra casa, ai no meio do caminho ai eu disse assim eu vou voltar para falar com ela que eu não sei que logo cedo eu vejo ela amanhã antes dela ir trabalhar. Não fosse a minha pessoa eu disse eu conversar com ela dizer até amanhã boa noite, por que ela pode ir logo cedo pro trabalho e eu não vejo ela. Quando eu cheguei falei com ela e tudo mais ,ai quando eu cheguei em casa, eu tava assando uns milhos, ai ouvi um tiro né ai eu disse mataram ela . Ai chegou uma pessoa e disse mataram dona Margarida, eu disse mataram Margarida? Ai ele disse agora mesmo, ai eu disse e eu não sai de lá agora mesmo?!

## ANEXO C

11/07/2011 - ENTREVISTA COM SEU CASSIMIRO ESPOSO DE MARGARIDA MARIA ALVES

COMO O SENHOR CONHECEU MARGARIDA?

Olhe eu estou tão difícil pro que já muito tempo que estou doente e deixei de trabalhar. “ouve aquele negócio de antes que a senhora sabe”. Foi preciso Ana botar ela na justiça, ta já resolvendo, mas não resolveu nada (Obs:Não entendi do que ele estava falando no início da entrevista, pois ele se encontra muito debilitado e doente com a mente já meio confusa.).

Então com paciência e o filho dele André que estuda também na UFCG e viajamos junto me ajudou e ele começou a responder.

Eu conheci ela ainda era moço, é uma coisa que já num... eu já mim casei casei de novo e agora não posso me meter em nada é já quase com com... Já, já muito velho já. Às vezes eu fico, eu fico assim, mas não posso resolver nada. Eu não to valendo nada, eu tenho filhos com Ana a nova esposa, ainda bem com ela, a idade eu to aposentado pelo nome dela. Meus filhos e Ana. Ana bem dizer é minha mãe e meus filhos são meus filhos, eles estão todos estudando, também num pode, agente só é muita coisa quando é novo, quando a mulher é nova que tem, é só pensa em namoro, mas quando ela toma conta, agente é obrigado a dar conselho a ela, né, em vez de uma família vai ser outra e assim é como diz, trabalhei muito!

FOI O SENHOR QUEM AJUDOU A MARGARIDA ENTRAR NO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS?

Foi eu quem ajudei, foi eu que ajudei - menos em questão, eu ajudei a trabalhar comigo mas para saber disso daquilo outro, pois bem meus filhos também não tem jeito pra entrar no sindicato, eles querem é trabalhar, estudar pois bem, antes eu digo olhe cuide de seu trabalho, cumpra com a sua obrigação,cuide de aprender isso ai é que é bom quando a professora diz uma coisa ir aprendendo e se eles já tão bem descansados já aprenderam muita coisa,e eu tó esperandp é que Deus... (risos). Já to com 93 anos. Pois bem, meus filhos me faz os gostos num me dá trabalho, num me dá dificuldades, pois é ele é que sabe o que vai fazer, eu não tó sabendo nem mais comer que preste. (risos) sou gente pra conversar mais não.

SEU CASSIMIRO ATÉ HOJE OS SUSPEITOS DE TER MANDADO MATAR MARGARIDA NÃO FORAM PRESOS AINDA?

Vontade eu tenho, de ver justiça. Sem aparecer o culpado e aqui parece ninguém sabe quem é culpado, eu não sei quem foi, eu vi eu entrei na justiça, não sei não. Graça a Deus que eu até aqui to calado, to pensando só no trabalho que ela tem. Ela já foi aposentada, eu também fui aposentado só não fui receber ainda, uma vontade de receber medonha, que é quem é que não tem (risos). ah! ah! Ah!

## O SENHOR É APOSENTADO COMO TRABALHADOR RURAL OU COMO TRABALHADOR DO SINDICATO?

Por idade quando completei a idade minha primeira mulher foi quem me aposentou (se refere a Margarida). Até o nome da aposentadoria já me esqueci até o dela já tava perto de sair, só sei que eu me lembro também de outra coisa, quando o dinheiro da aposentadoria, disse vocês conhece fulano de tal lá onde que já e esqueci. O senhor diga a ele que quando vier buscar o dinheiro da aposentadoria traga um saco ah! Ah! Ah! Era bom ainda fui lá umas três vezes. Olho como foi, me perguntaram se eu conheço uma pessoa eu já mim esqueci também (Obs : tem hora que o senhor Cassimiro se atrapalha no dialogo e diz coisas que não entendo direito.).

Para felicidade de nós todos primeiro porque eles não gostava dela, porque ela gostava dos trabalhadores. E cada um essa que eu tenho agora eles também já não, encerro dizendo que ele já faz parte da história de Alagoa Grande junto à margarida. Ele sabendo dizer o caso deles com ela como foi e assim vai fazendo. O que eu podia dizer a senhor era isso.

Seu Cassimiro dar continuidade dizendo Margarida, disse ela, conversando comigo ela dizia o senhor ainda vai viver 100 anos, ela dizia e ela dizia séria e ela por que eu tava fazendo as coisas direito ah! Ah! Ah! (sorrisos) eu casei de novo já tenho filhos e daqui uns tempos tou sendo neto de novo (risos) tenho fé , to satifeito eu já to aperriando por que eles não querem casar, não tem namorada, não sei não, eu só vejo é as moças atrás dele, eu reso para Deus dá uma boa esposa a vocês, queria eu alcançar.

Trabalhei muito para adquirir o casamento e me casei. Quando eu vejo a casa cheia de moça, eu fico é contente, eu tenho fé em Deus que antes de eu morrer eu vejo meus filhos casados . Irão viver bem com as pessoas respeitar os povos, respeitar os povos . Depois de casado é bom demais se os pais da gente casou e porque não é pra gente casar. Bença vovô, ô meu filho ta bonzinho, né? Eu sei de tudo, eu não esqueço nada não.

Então eu pergunto por Arimatéia filho dele com Margarida e ele diz que não lembra, depois de um tempo lembra e diz que tem quatro netos de Arimatéia, mas que mora longe.

## ANEXO D

06/07/2011 - ENTREVISTA REALIZADA COM CARMELITA DA SILVA ALVES(vizinha de Margarida)

A SENHORA CONHECIA MARGARIDA MARIA ALVES? FALE UM POUCO SOBRE ELA.

Conheço ela desde de novinha, ela era pobre trabalhadora na enxada, quase analfabeta, estudou no grupo Apollônio Zenayde, junto de meu filho, não sabia de nada só tinha inteligência para lutar nessa vida e nessa vida morreu e eu assistir até cheguei na hora da morte dela, vi ela caída ,o sangue correndo todinho, os pedaços encostado parede, a orelha num canto, outra em outro e o sangue correndo.

COMO ELA ERA COMO VIZINHA?

Como vizinha era boa, era direita, gostava de todo mundo conheci muito ela, as irmãs dela ainda hoje conheço, mora perto de mim.

COMO ERA O TRABALHO DELA NO SINDICATO? E SUA IMPORTÂNCIA PARA A SENHORA?

Tinha muita importância, ajudava muito ao povo pobre a se aposentar, assim mesmo quase sem estudo, mas fez muita coisa boa pelo povo ajudou muito aos pobres.

NA SUA OPINIÃO, MATARAM ELA POR QUÊ?

Mataram ela porque ela ajudava muito os pobres, torcia muito pela pobreza e os ricos não queriam, não gostavam dela por isso e mataram ela eu vi até o carro quando passou na minha casa pra lá e pra cá, procurando uma hora que encontrasse ela tanto que encontraram ela na porta comendo uma espiga de milho e atiraram e foram embora, desligaram a eletricidade da rua para ninguém prender os bandidos que mataram ela. Tudo isso eu vi na hora quem mais viu foi eu mesma. Comentam que o suspeito do crime foram Zito Buarque genro de doutor Agnaldo, o próprio doutor Aguinaldo e Branco Pereira.

A SENHORA ACHA QUE É VERDADE ISSO?

É... E se me chamarem? Acho que foi a maior verdade. Quase todos esses morreram, num tem mais do que me acusar que já morreram. Conheci todos esses que mandaram matar.

O da usina, Branco Pereira conheci tudo, era até freguês meu (a entrevistada era feirante de verduras, legumes e frutas) que mandaram matar ela. O doutor Agnaldo da usina (Agnaldo Veloso Borges) era dono de todas terras ao redor de Alagoa Grande, Hoje ficou tudo perdido.

É VERDADE DONA CARMELITA QUE ELE NÃO QUERIA VÊ NEM UM POBRE COM UM PEDAÇO DE TERRA? E FICAVA PERTUBANDO PARA PLANTAR CANA?

Queria não é verdade tomava tudinho às terras dos pobres para plantar cana. E ela não gostava, achava que tava errado e como tava errado. E ela alega na leitura que fiz no livro de Sebastião Barbosa “A mão Armada do Latifúndio, Margarida Quantos ainda morrerão? Que ela também lutava escola para os filhos dos pobre é verdade? É sim lutava só pela pobreza, por isso mataram ela, ela também lutava por salário digno na prefeitura que o prefeito não pagava, e assinava a carteira. Todos esses tinha muita raiva dela, até que fim que deram fim a ela.

O QUE A SENHORA ACHA HOJE DE AS TERRAS DA USINA TANQUES ESTÁ TUDO NAS MÃOS DOS POBRES SENDO ASSENTADO?

Tá as terras que foram da usina ta tudo aqui nas mãos dos pobres, toda terra, isso foi uma vitória dela e o que não era dos pobre tá o mato cubrindo, a usina o mato cubriu, o melão cobriu ta lá só os pedaços, agora tem uma capela, porque o padre da diocese mandou fazer, mas não tinha nada, até a capela acabou tudo abandonado. Tá tudo lá abandonado, venderam os ferros da usina, acabou-se tudo, depois que ela morreu acabou-se tudo.

A SENHORA TRABALHAVA NO SÍTIO GAVIÃO PERTO DA USINA TANQUES? COMO ELE TRATAVA OS POBRES ASSIM NOS CANAVIAIS E OS CAPANGAS DELES COMO É QUE TRATAVA?

Muito má, ele mandava matar e botando dentro da fomalha. Era olha esse Zé Maria daí que já morreu, ou melhor, dizendo Ciço Maria contou a Zezinho que botou muitos por qualquer coisa que ele tivesse raiva. Qualquer coisa se ele tivesse raiva ele botava dentro da fomalha. Morreu, mas era ruim... tratava o povo muito mal... muito mal... morreu muitos dentro da fomalha. Pode colocar no livro que para dizer a verdade é comigo mesmo.

## ANEXO E -

## ENTREVISTA COM JOSÉ WAMBERTO DO NASCIMENTO SILVA (BETO DO SINDICATO) REALIZADA EM 20/10/2011

## 1 – FALE UM POUCO SOBRE MARGARIDA MARIA ALVES, SUAS IDEIAS E IDEAIS NAS LUTAS SINDICAIS.

Margarida, quando ela faleceu eu era criança, rapazote né, mas assim o pouco tempo que agente passou com ela, e agente acompanha aqui o movimento sindical, e eu sou presidente, a Margarida foi aquela pessoa que deixou um legado né, de história assim para Alagoa Grande, que uma mulher que levou o nome de Alagoa Grande a nível nacional e internacional, era uma figura de destaque, era uma pessoa que lutava pelo bem das pessoas, ela queria ver o melhor para o trabalhador, uma pessoa que nunca abriu mão dos seus princípios. E ela nos deixou esse legado né, de histórico né um legado assim que engrandeceu, que elevou o nome de Alagoa Grande a nível nacional e internacional.

## 2 – QUEM FUNDOU O SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE ALAGOA GRANDE?

Bom a fundação do Sindicato de Alagoa Grande foram duas pessoas de destaque né, que se destacaram que foi Severino Cassimiro, o esposo de Margarida e o padre Geraldo Pinto no dia nove de Julho de 1962 (09/07/1962). Foi à data de fundação do sindicato e um marco histórico para nós do movimento Sindical.

## 3 – O PRIMEIRO PRESIDENTE FOI O PADRE OU FOI SEU CASSEMIRO?

Não foi o padre, foi seu Severino Cassimiro, na época ele não era casado com ela, ele era viúvo, então foi que ele conheceu Margarida e casou-se.

## 4- MARGARIDA FOI SUCESSORA DELE?

Não, não é depois de Cassimiro teve outros que se destacaram né, como: Seu Manuel Pacifico, Alvaro Diniz, e depois de Álvaro Diniz foi Margarida Alves que foi eleita presidente do Sindicato, porque ela foi se envolvendo e ai conheceu seu Cassimiro se casaram. E então depois de Álvaro, Margarida assume a presidência do Sindicato de Alagoa Grande até a morte dela.

## 5 – QUAL A INFLUÊNCIA DE MARGARIDA MARIA ALVES AINDA HOJE NO SINDICATO PARA O SEU TRABALHO COMO PRESIDENTE?

Bom é um legado, um aprendizado daquela luta que o movimento sindical sempre sonhou em ter uma aposentadoria pro trabalhador, carteira assinado, é salário maternidade, o auxílio doença, o auxílio reclusão, a pensão, a aposentadoria, a educação, o acesso a terra, então essa luta é um conjunto, e isso foi um legado né que Margarida começou com seu Cassimiro e tentas outras personalidades, e a nossa família foi nesse contexto, se destacando se envolvendo junto com Margarida, e então esse legado Margarida nos deixou, o Sindicato que hoje a mulher também é associada, que antigamente era mais o homem. Então o Sindicato é mais aberto a toda população de Alagoa Grande. Então foi esse legado que Margarida nos deixou.

## 6 – QUANTOS ASSENTAMENTOS HÁ EM ALAGOA GRANDE? E QUAL A SITUAÇÃO ATUAL DESSES ASSENTAMENTOS?

Bom, hoje em Alagoa Grande nós somos treze assentamentos do INCRA, estar para surgir mais dois que é o assentamento do Engenho do meio e da Usina Tanques, vai ser desapropriador brevemente, então serão quinze (15) áreas de assentamento só do governo Federal na área do INCRA, porque do Estado nós já temos outros assentamentos, que ao todo já vamos se aproximando de vinte (20) assentamentos aqui em Alagoa Grande.

E é como nós do Sindicato temos dito que a luta sindical passa por três fases: A primeira foi lutar pela carteira assinada, aposentadoria, salário maternidade e tal chegou pra todo mundo, os trabalhadores rurais e as trabalhadoras. A segunda luta foi pela terra, nós já avançamos muito conseguimos bastante terra e a terceira e última fase a luta da permanência do homem no campo, para educar e preparar o povo para produção, para permanência no campo e isso tá dando um problema sério, mas é um desafio e o maior dos desafios é fazer a gente permanecer no campo produzindo e com eficiência, e com resultado para resultado para a gente sobreviver no campo é um desafio grande as terras sai do latifúndio e passa para mão do agricultor. E agora como é que nós vamos fazer isso? Então é um desafio que nós tamos trabalhando como: industrializar nossa produção né, e a produção em cadeia e em cooperativismo. Por que não vai existir outra saída, Alagoa Grande sai do latifúndio pra mão do minifúndio do pequeno produtor, então os desafios agora são maiores ainda né? É ensinar esse agricultor a produzir, a sobreviver no campo tá, então isso é pior do que conseguir a terra, é dá condições, é dar assistência. Então é isso aí, são desafios e nós vamos à luta.

## 7 – QUAL O SEU PONTO DE VISTA SOBRE O ASSASSINATO DE MARGARIDA MARIA ALVES?

Bom, é esse crime de Margarida ele se deu justamente porque Margarida ela não abriu mão dos princípios dela dos direitos do trabalhador, que era carteira assinada, que era os dias melhores pros trabalhador, na época. A ditadura militar incentivava muito o crime organizado, acobertava a banditisse, então era o Estado e a pistolagem convivendo com o grupo da várzea, era um império cana-de-açúcar, o Proálcool. Então aquilo ali foi uma ordem quase que mundial, que agente é bom com tudo isso né? Como Margarida não abria desses princípios, e veio a consequência do crime, o crime do poderio econômico que reinante em Alagoa Grande né? Que você sabe que os interesses econômicos prevalece independente da época e isto tem motivado guerra, assassinatos em massa até hoje ainda prevalece, são os interesses econômicos, o crime pra ser desvendado, foi devendado sim, não foi feito justiça né, mas se sabe que o grupo da várzea tem uma extensão aqui com Agnaldo Veloso Borges, então tudo isso ocasionou o crime.

Mas é a luta continua é a gente, essa bandeira ela está asteada e vai continuar entendeu, são as inovações, hoje agente vê o Lula presidente, agente do PT, o PT sempre fortalecido e conquistando cada vez mais espaço, os trabalhadores se educando se preparando, estudando mais, os agricultores no campo acreditando que seus filhos podem ser presidente, podem ser, podem ser prefeito. Então esse é o legado que foi herdado de Margarida, de Horácio, de Penha de Mamãe, porque eles queriam isso o melhor pro trabalhador. Então essa bandeira ela está e continuará asteada em busca de dias melhores para os trabalhadores, para o povo de Alagoa Grande e pro Brasil inteiro essa luta incansável ok!

## ANEXO F

## ENTREVISTA COM TEREZINHA VASCONCELOS

Atendente no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande na época de Margarida Maria Alves de 1976 a 1984. (20/10/2011)

1.EU GOSTARIA QUE A SENHORA FALASSE UM POUCO COMO FOI CONVIVER COM MARGARIDA MARIA ALVES NO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE ALAGOA GRANDE.

É o seguinte Graça, olhe Margarida Maria Alves você sabe que foi um exemplo de mulher. Ela era um camponesa muito autêntica, inteligentíssima, uma pessoa que trabalhou em benefício do agricultor a vida inteira. É eu falar de Margarida você sabe que é um exemplo, por que Margarida ela só trabalhou em benefício do povo, dos agricultores, ela... apesar que eu não fazia parte da mesa diretora, eu trabalhava como atendente mas ela tinha muita atenção a mim tá entendendo? A gente fazia várias reuniões. Ela convidava não só eu como as outras duas atendentes, explicava muita coisa pra gente e tudo que Margarida, o trabalho dela e tudo que eu via ela fazer era somente em benefício do agricultor do homem do campo, tá entendendo?

Foi uma presidente de Sindicato que se pode dizer e se pode se orgulhar que foi uma pessoa maravilhosa. É como diz foi o destino dela, uma grande traição na vida dela, fazer o que fizeram Margarida ta entendendo? Por que Margarida hoje era pra ainda ser presidente do Sindicato. Porque o Sindicato no tempo de Margarida era um Sindicato vivo, com muito benefício para o povo, você sabe que tinha dois médicos dois dentistas, três atendentes , cursos, tinha cursos de costura, ela conseguia cursos de costura era cursos diversos, sabe muito, muito... era um sindicato autêntico, ela era uma mulher autêntica ta entendendo? Ela também seu cassimiro que vivia do lado dela, muito inteligente, muito trabalhador, orientava também muito ela, entendeu como era?, dava maior força, que ele também foi presidente do Sindicato. Margarida foi um exemplo de mulher, um exemplo de diretora do sindicato, uma dirigente sindical.

2.NA SUA OPINIÃO A LUTA DE MARGARIDA TEM MUITA INFLUÊNCIA EM ALAGOA GRANDE E EM LUTAS TRABALHISTAS NO PAÍS?

. Tem e como tem. Por que eu vou dizer a você muitas pessoas cresceram em cima do trabalho de Margarida ta entendendo? Não só politicamente como em outros trabalhos né?

Que aprenderam muito com ela né? Só acontece o seguinte: nenhum, olhe na minha... Eu trabalhei sete anos e meio com Margarida não cheguei a mim aposentar porque mataram ela e no outro ano sair ta entendendo? Mas eu vou lhe dizer, nenhum presidente chega aos pés de Margarida, nenhum presidente.

### 3 O QUE A SENHORA ACHA DONA TEREZINHA DOS ASSENTAMENTOS HOJE EM ALAGOA GRANDE QUE ERA UM DOS IDEAIS DELA?

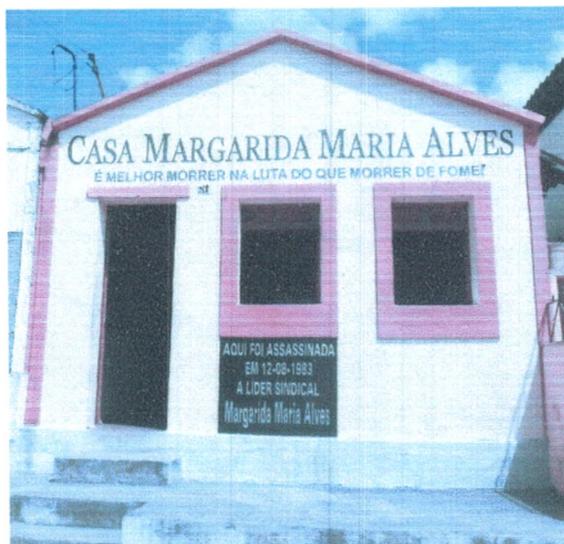
È os assentamentos é como diz, quando pega assim uma pessoa que gosta de trabalhar né até produz alguma coisa né Graça? Mas quando pega umas pessoas que não gosta de trabalhar, os assentamentos é como diz virou mato, virou capoeira, você sabe que eu também viajo, trabalho nessa vida de política de andar pelo mundo, pela essa Alagoa Grande inteira ai eu vejo tem assentamento que faz dor, agente não vê nada, nada, mas tem assentamento que a gente vê fruteiras, a gente vê lavouras né? Uma criaçãozinha de gado. Quando pega uma pessoa que gosta de trabalhar. Mas tem uns que é zero não tem nada. É uma coisa que ela tanto lutou? Justamente uma das lutas dela era vê cada um com seu chão de terra para morar vivendo bem todo mundo. Por que era uma coisa que ela dizia: Trabalhar para não passar fome, isso ela dizia direto. É melhor morrer na guerra do que morrer de fome. Isso era uma meta dela.

5-A senhora trabalhou bem no período de grandes conflitos como diz o senhor José Horácio pai de Wamberto que disse em outro documentário que assistir em “Uma flor na várzea” que foi um período de grandes conflitos e depois da morte ainda foi pior nos primeiros anos. Nós sabemos dona Terezinha que faz mais de 28 anos que Margarida morreu e até hoje agente não tem ninguém na cadeia né? Temos acusados né? Temos pessoas que foram acusadas.

É, é um diz foi fulano, foi ciclano, mas ninguém chegou assim de provar quem foi prá cadeia, ninguém foi prá cadeia entendeu, eu acredito sabe graça que quem matou e quem mandou já morreu há muito tempo, porque você sabe que depois que mataram Margarida quantos num morreram? Por que ai eles faziam um grupo da várzea e justo ai ninguém sabe quem realmente. Ai aonde que ta a história, quem?...

# APÊNDICES

APÊNDICE I –  
CASA MARGARIDA MARIA ALVES



## APÊNDICE II

### Objetos pessoais de Margarida Maria Alves



## APÊNDICE III – Jornais que noticiaram a morte de Margarida no mundo

# Le Monde

Fondateur : Hubert Beuve-Méry

Directeur : André Laurens

Au Brésil

Page 22 – Vendredi 19 août 1983 \*\*\*

**FRANÇOIS CASTERAN,**  
*envoyé spécial de l'A.F.P.*

● Mme Margarita Alves, dirigeante du syndicat des travailleurs ruraux de Lagoa-Grande, dans le Paraíba, a été assassinée le vendredi 12 août par un tueur au service des grands propriétaires de la région. Cette information est donnée par le président de la Ligue des droits de l'homme du Paraíba, un Etat du nord-est du Brésil.

# Le Monde

# veja

são do advogado baleado. Depois de negar que agredira a mulher — fato testemunhado por moradores do prédio — ele tentou o contra-ataque: "Ela não é uma mulher direita". Ao final, no entanto, rendeu-se. "Quando a gente perde a razão, a vontade é de esganar a pessoa." Jader Coelho confirmou que o motivo inicial da briga foi o portão, que ficara aberto. Segundo o síndico, esse era um hábito de Maria das Graças — e uma fórmula para irritá-lo. Na defensiva, Coelho afirmou ainda que se sentiu ameaçado quando o advogado abordou-o para pedir explicações sobre a agressão à sua ex-mulher.

"Eu reclamei do portão e ela veio com o dedo na minha cara", alega Coelho, "discutimos e ela saiu dizendo que ia chamar um homem de verdade." Logo depois, na versão do agressor, chegou o advogado que, nervoso, teria interpelado Coelho, em voz alta: "Eu sou o pai desta criança e fui casado com esta mulher". Foi o bastante para que Jader Coelho disparasse, em direção aos três, seis tiros de um revólver que agora não se lembra onde colocou, nem de que calibre é. "Foi a única herança de meu pai", diz o síndico, justificando desta forma o fato de andar armado sem licença legal. O episódio lhe custará um processo por tentativa de homicídio. Enquanto isso, réu primário, continuará em liberdade.

## PARAÍBA A queima-roupa Sindicalista morta a tiro na Paraíba

Um tiro de espingarda calibre 12, disparado à queima-roupa, no último dia 12, levou a extremos trágicos o confronto que tem conduzido à Justiça da Paraíba os trabalhadores rurais da chamada região do Brejo e usineiros e fornecedores de cana da região. No final daquela tarde, um homem moreno, de cabelos encarapinhados, assassinou com um tiro no rosto Margarida Maria Alves, 50 anos, que há doze presidia o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, município localizado a 100 quilômetros de João Pessoa. "Ela não transigia, só em último caso aceitava acordos", depõe o bispo de Guarabira, dom Marcelo Carvalheira. Para ele, não há dúvida quanto ao mando do homicídio. "Nas questões trabalhistas, os proprietários preferem apelar para a violência física, a intimidação e o assassinato", afirma.

Amigo pessoal de Margarida, que o ajudara nas últimas eleições, e também de usineiros e fornecedores, que igualmente o apoiaram, o governador Wilson Braga procurou garantir que o inquérito corresse à revelia dos interesses políticos em jogo.

Após sofrer um primeiro revés na quarta-feira passada, quando o Tribunal de Justiça recusou, por 12 votos a 2, sua proposta de criação de uma comissão judiciária isenta, ele marcou um ponto positivo ao nomear, dois dias depois, o delegado-especial Gilberto Frederico Indrusiak da Rosa, gaúcho radicado na Paraíba há três anos e sem vínculo com os grupos que dividem o poder no Estado.



O sindicato: agora sem Margarida

# ISTO É

PARAÍBA

## Resposta com calibre 12

A que é morto em Alagoa Grande, município de zona caudalosa da Paraíba, a 200 quilômetros de João Pessoa, jovem estudante ingressa que levantara participação de trabalho em Justiça do Trabalho. A situação deve ser bem menos nova: ao fim de Alagoa Grande tem-se o mesmo local de onde se tem reclamações trabalhistas — falta de registro em carteira profissional, não-pagamento de 1/3 salário, de férias ou repouso remunerado — entre outras de natureza. A morte da mulher é fato de trabalho de uma mulher de 42 anos, Margarida Maria Alves, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais local, levada a cabo em março, segundo.

Ela não soube impedir. Na noite de dia 12, a porta de casa, das desconhecidas desapareceu: vários tiros de espingarda calibre 12, a queima-roupa, provocando sua morte instantânea, ocorreu imediatamente de propriedade profissional. De mandante do crime não oficialmente denunciado, Mar Severino Alves acusou o senador Agostinho Neto Braga e os facções Francisco de Miranda e João Pereira. Segundo Severino, duas vezes de ser assassinado, sua mulher recebeu um único disparo de Vênia Braga.

Ainda entre as vítimas é tão evidente que não o ex-governador Cláudio Siqueira, conhecido como "Jader" para o povo no Estado, como que a ISTO É, "na versão do clima de desconfiança civil no meio rural". O movimento, por parte do governador paraibano Wilson Braga, de que foi um nome político, "que pode ser desabonadamente interpretada", é uma de suas justificativas para atacar a polícia das investigações e nomear uma comissão julgadora especial para apurar o caso. Assim desde decisão, vovô político e líderes sindicais lembraram ao governador que, nos últimos anos, ilegalmente políticos mantiveram envolvidos em crimes de gênero. Quanto aos endossamentos feitos por Braga, um já está previsto em ato de processo, com a presença de magistrados, leigos e políticos, entre eles de nome, em Alagoa Grande.

ISTO É 24/7/80

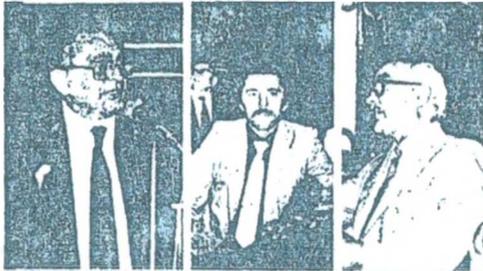
# AQUILÃO

ANO XXII - N.º 82

JOÃO PESSOA - Quarta-feira, 4 de abril de 1941

PREÇO 25

## Mais um crime misterioso em Alagoas Grande



Exaltado denuncia a Comissão; Fernandes, do PMDB, apoiador; e Braga representando ao Tribunal

### PMDB apoia a Comissão Judiciária

O deputado Edvaldo Maia, de Alagoas Grande, denunciou a Comissão Judiciária do PMDB, afirmando que este partido apoia a investigação sobre o assassinato de Margarida Maria Alves. Maia afirmou que a Comissão Judiciária é formada por membros do PMDB, incluindo Fernandes e Braga, e que eles estão tentando manipular a investigação para beneficiar o partido.

Maia afirmou que a Comissão Judiciária é formada por membros do PMDB, incluindo Fernandes e Braga, e que eles estão tentando manipular a investigação para beneficiar o partido. Ele também mencionou que a Comissão Judiciária está sendo formada para investigar o assassinato de Margarida Maria Alves, e que ele acredita que o partido está tentando manipular a investigação para beneficiar o partido.

### As repercussões entre os parlamentares

As repercussões entre os parlamentares são significativas, com muitos deputados expressando preocupação com a investigação e a atuação da Comissão Judiciária. Alguns deputados afirmam que a investigação está sendo manipulada para beneficiar certos interesses políticos.

Alguns deputados afirmam que a investigação está sendo manipulada para beneficiar certos interesses políticos. Eles também mencionam que a Comissão Judiciária está sendo formada para investigar o assassinato de Margarida Maria Alves, e que eles acreditam que o partido está tentando manipular a investigação para beneficiar o partido.

**Da sucessão de CAMPINA GRANDE**  
Alagoas não reflete da brevidade que valdino com o morte do líder sindical Margarida Maria Alves, na tarde de última sexta-feira, o presidente de Alagoas Grande voltou a se preparar no fim de semana. Na noite de domingo, foi encontrado, na periferia da cidade, em estado de decomposição, o cadáver de um homem, mais tarde identificado como Ezequiel Martins dos Santos, de 28 anos de idade, solteiro, agricultor. Até o momento, há rumores de que o ocorrido não desconhecido pelas autoridades locais. Mas o delegado de Polícia contra e Pessoa, Nazareno de Weimar T. de Campos e o delegado de Polícia contra e Pessoa, Nazareno de Weimar T. de Campos, não se trata de mais um assassinato, já que a vítima apresentava ferimentos e outras contusões sérias, a altura da percu-

### No ofício ao Tribunal o governador pede que haja apuração rigorosa

Na representação encaminhada ontem ao Tribunal de Justiça, pedindo a continuação de uma Comissão Judiciária para apurar o assassinato de Margarida Maria Alves, governador Wilson Braga pede uma prova de que o crime ocorreu em Alagoas Grande, e não em outra cidade. Ele também pede que haja uma apuração rigorosa do caso.

Ele também pede que haja uma apuração rigorosa do caso. Ele também menciona que a Comissão Judiciária está sendo formada para investigar o assassinato de Margarida Maria Alves, e que ele acredita que o partido está tentando manipular a investigação para beneficiar o partido.

Ele também menciona que a Comissão Judiciária está sendo formada para investigar o assassinato de Margarida Maria Alves, e que ele acredita que o partido está tentando manipular a investigação para beneficiar o partido. Ele também menciona que a Comissão Judiciária está sendo formada para investigar o assassinato de Margarida Maria Alves, e que ele acredita que o partido está tentando manipular a investigação para beneficiar o partido.

do crime acompanhado. O delegado Nazareno de Weimar T. de Campos recebeu a notícia e foi deslocado ao Hospital de Alagoas Grande, onde foi encontrado o cadáver de uma mulher, mais tarde identificada como Margarida Maria Alves. Ela estava em estado de decomposição, e havia sido encontrada em um local próximo ao rio. O delegado de Polícia contra e Pessoa, Nazareno de Weimar T. de Campos, não se trata de mais um assassinato, já que a vítima apresentava ferimentos e outras contusões sérias, a altura da percu-

do crime acompanhado. O delegado Nazareno de Weimar T. de Campos recebeu a notícia e foi deslocado ao Hospital de Alagoas Grande, onde foi encontrado o cadáver de uma mulher, mais tarde identificada como Margarida Maria Alves. Ela estava em estado de decomposição, e havia sido encontrada em um local próximo ao rio. O delegado de Polícia contra e Pessoa, Nazareno de Weimar T. de Campos, não se trata de mais um assassinato, já que a vítima apresentava ferimentos e outras contusões sérias, a altura da percu-

do crime acompanhado. O delegado Nazareno de Weimar T. de Campos recebeu a notícia e foi deslocado ao Hospital de Alagoas Grande, onde foi encontrado o cadáver de uma mulher, mais tarde identificada como Margarida Maria Alves. Ela estava em estado de decomposição, e havia sido encontrada em um local próximo ao rio. O delegado de Polícia contra e Pessoa, Nazareno de Weimar T. de Campos, não se trata de mais um assassinato, já que a vítima apresentava ferimentos e outras contusões sérias, a altura da percu-



O retrato falado do principal suspeito de matar Margarida Maria Alves. Crime de Alagoas Grande: Provável assassino já tem retrato falado na polícia

O provável assassino de Margarida Maria Alves, identificado como um homem negro, foi apresentado à polícia. O retrato falado do suspeito foi feito com base em descrições fornecidas por testemunhas e a polícia. O homem é descrito como tendo cerca de 30 anos de idade, altura média, e cabelos escuros.



Milanes e a pertine lusitano apresentaram o retrato falado

### Sindicalistas promovem um ato público por Margarida

Sindicalistas promovem um ato público em homenagem a Margarida Maria Alves. O ato será realizado na cidade de Alagoas Grande, com a participação de milhares de pessoas. O ato será uma manifestação de solidariedade e apoio à investigação do assassinato de Margarida Maria Alves.

O ato será realizado na cidade de Alagoas Grande, com a participação de milhares de pessoas. O ato será uma manifestação de solidariedade e apoio à investigação do assassinato de Margarida Maria Alves.